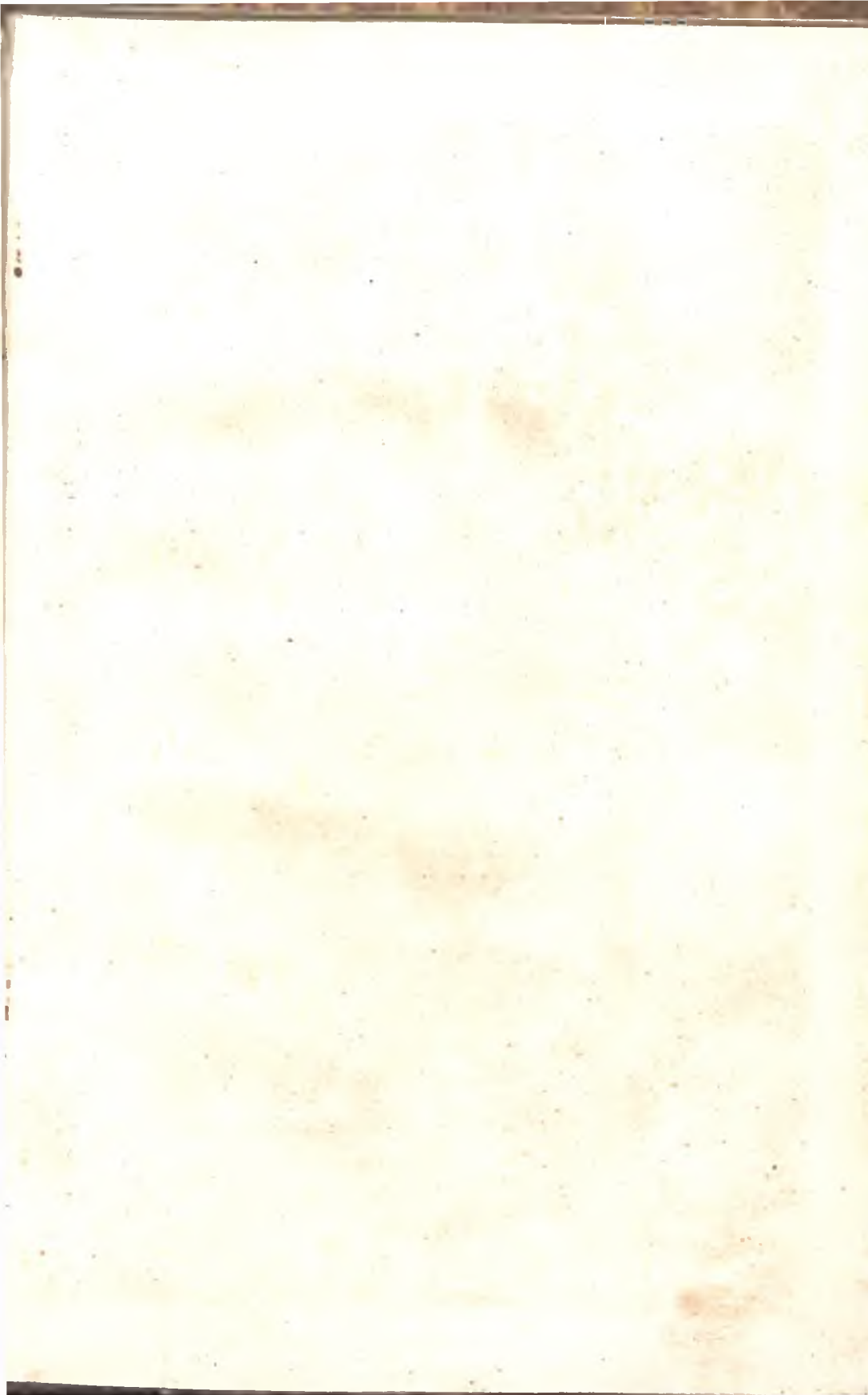
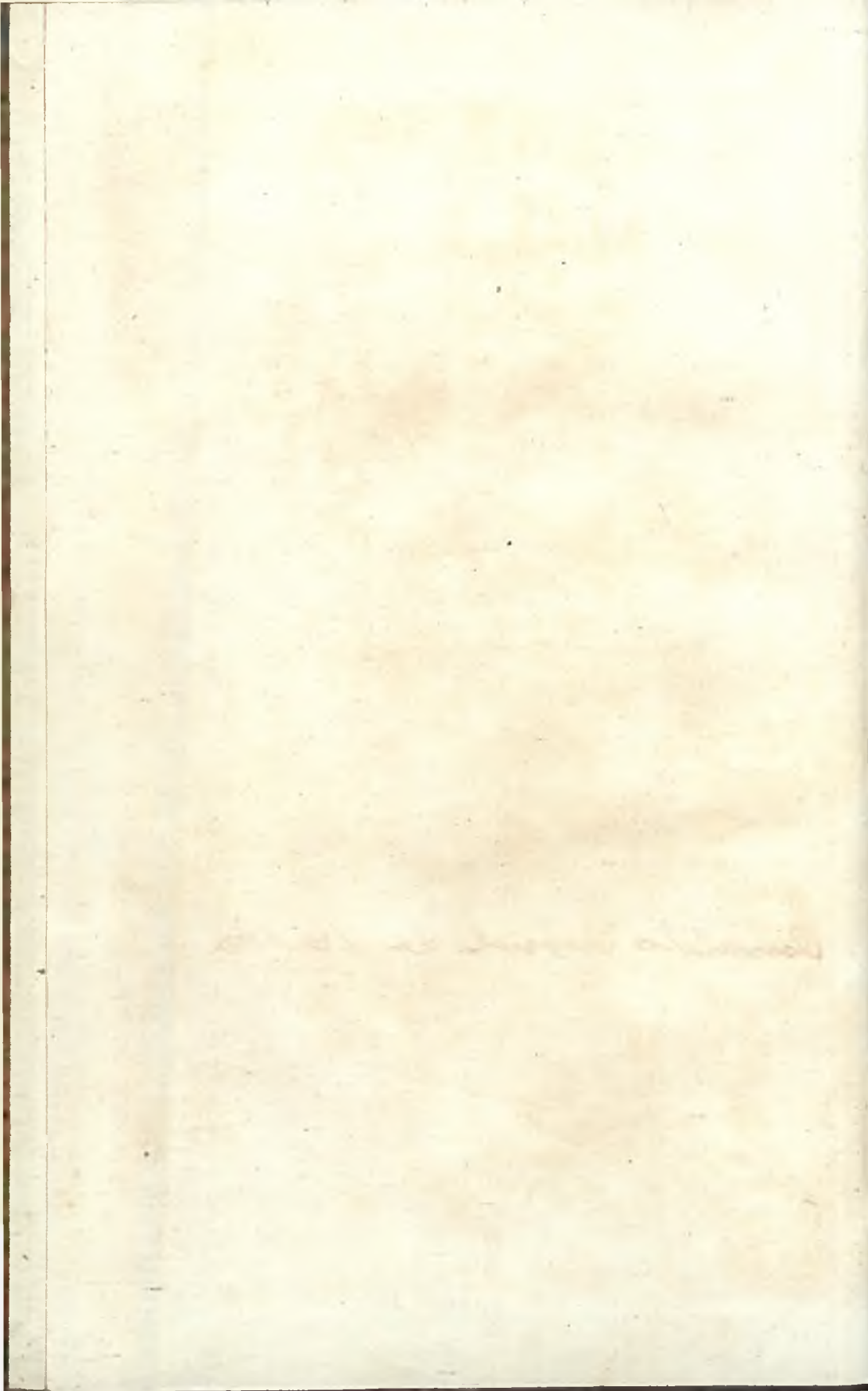








com este n.º encerrou-se a publicação
da.

Osvaldo

A CULTURA ACADEMICA

SCIENCIAS E LETRAS

ANNO III—VOL. III →»»»*«««← TOMO I—FASC. I-III

COMITÉ DE REDACÇÃO

(2.º Semestre de 1906)

José Seabra

Constancio Pontual — Gonçalves Ferreira

Sophronio Portella — Sá Antunes

Hersilio de Souza

Samuel Martins — Octavio Hamilton

Turiano Campello — Eustachio Pereira (Fanéca)

Nora de Mesquita

Luciano Pereira — Andrade Bezerra

Francisco Solano — João Meira e Sá

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE

J. E. da Frota e Vasconcellos

(Bibliotecario da Faculdade de Direito do Recife)

Osvaldo Cabral de Abreu



RECIFE—BRASIL

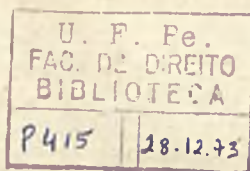
IMPRENSA INDUSTRIAL

49 e 51—RUA VISCONDE DE ITAPARICA—49 e 51

1906

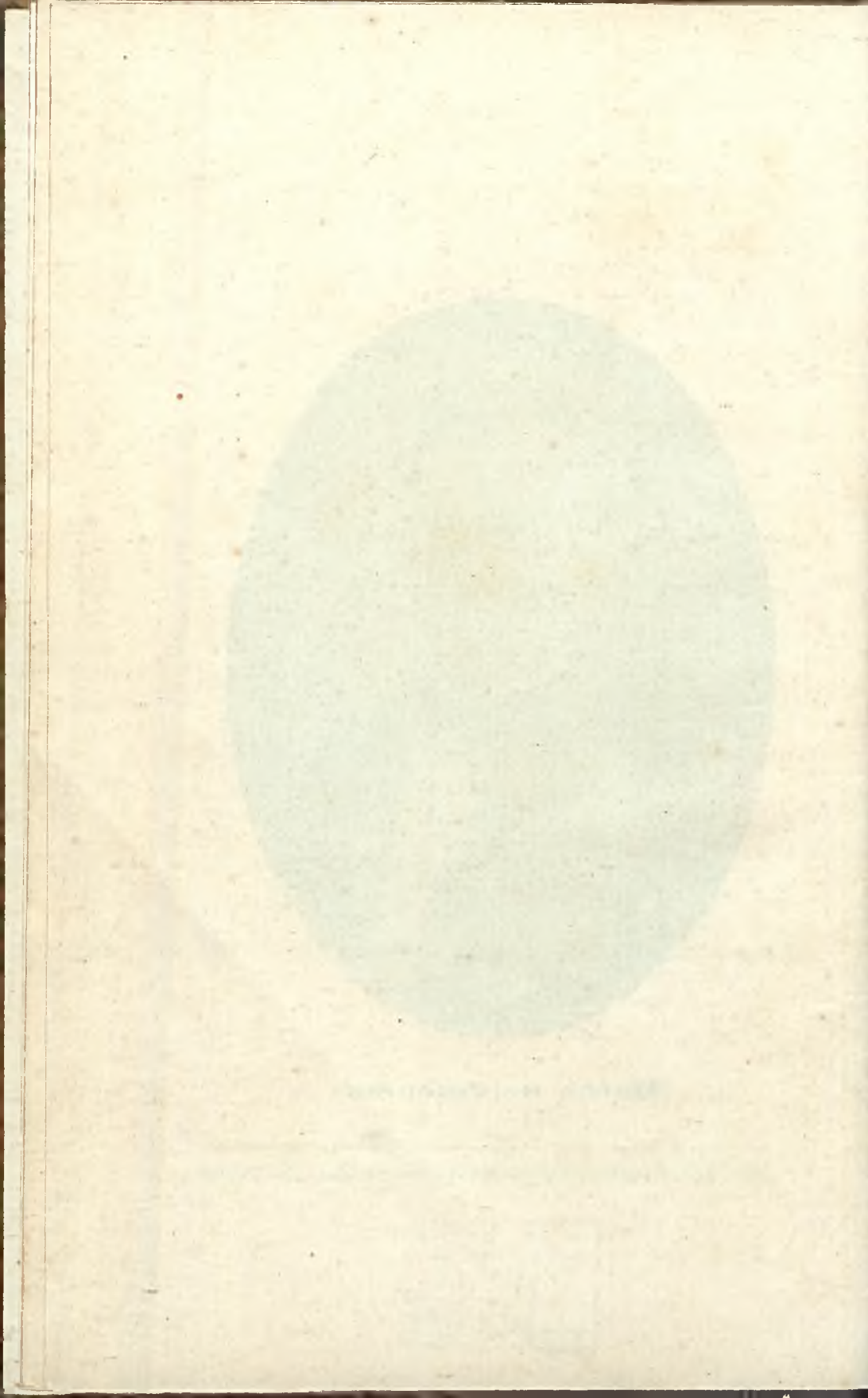
A "*A Cultura Acadêmica*" tem as suas columnas franqueadas a todas as manifestações do saber dos productos intellectuaes da Faculdade de Direito do Recife. Cabe aos respectivos autores a inteira responsabilidade de suas idéas e orthographia. Não serão devolvidos os originaes.

Imprensa Industrial de L. NERY DA FONSECA, Recife





Barão de Catuama



RECIFE-BRASIL, 11 DE AGOSTO DE 1906

A Cultura Academica

ANNO III—VOL. III



TOMO I—FASC. I

SCIENCIAS E LETRAS

José Antonio Ferreira de Aguiar ⁽¹⁾



ASCEU em Goyanna, a 10 de Janeiro de 1810, o conselheiro José Antonio Ferreira de Aguiar, barão de Catuama.

Foi um pernambucano proeminente, e de quem o valor pode ser attestado pelos significativos traços que deixou de sua brilhante carreira publica.

Com os proprios elementos de uma vontade firme, intelligencia amplamente esclarecida

(1) Foi condecorado com o habito de Christo em 1849, com o de officialato da Rosa em 1854 e com a commenda da mesma ordem em 1860.

Em 9 de Maio de 1874 lhe foi conferido o titulo de conselheiro e em Julho do mesmo anno foi agraciado com o titulo de barão de Catuama.

Era membro do Instituto Historico Brasileiro e de outras associações nacionaes e estrangeiras,

e grande cabedal de virtudes civicas e privadas, conseguiu destaque no meio em que viveu.

Não teve o auxilio do ouro para guindar-se ás alturas.

Dos seus progenitores, que eram pobres, porem honrados, Antonio Ferreira de Aguiar e D. Ursula das Virgens de Aguiar, recebeu uma educação toda fundada nos sãos principios da probidade, o que concorreu para a formação do seu character nobre e austero. Assim fortalecido, elle empenhou-se na luta da vida, engrandecendo-se em innumerous serviços prestados á Patria.

Fez o curso de humanidades nesta capital, no Lyceu que então aqui existia.

Está no numero dos primeiros matriculados na Academia de Direito, quando funcionando em Olinda.

Recebeu, depois de brilhante curso, comprovado pelas approvações plenas que obteve em todos os annos, o gráo de bacharel em 1832.

Apenas contando 22 annos de edade, entrou o Dr. Ferreira de Aguiar na vida publica, exhibindo como unicos titulos de recommendação a intrepidez de sua alma e uma intelligencia vigorosa e amplamente cultivada. Mas no tempo do Imperio aquelles predicaos valiam muito, e por isso elle foi aproveitado para o exercicio de importantes cargos publicos nos quaes sempre mostrou a competencia e a nobreza de sentimentos que o caracterizavam.

Lamentamos não nos ser dado poder pagar a

grandes rasgos o tributo de nossa admiração a tão illustre brasileiro.

Nas tradições das bellezas moraes da epocha em que o inolvidavel pernambucano empregou a sua actividade em prol dos interesses geraes, não podem deixar de figurar as nobres acções que, no cumprimento dos deveres mais arduos, tanto o enobreceram.

O primeiro cargo que lhe coube desempenhar, foi o de juiz de direito na capital do Ceará, por nomeação de 5 de Outubro de 1833.

O apparecimento do codigo do processo criminal, dado no anno da formatura de nosso biographado, offereceu occasião de ser aproveitado para o elevado posto judiciario um moço de superiores qualidades para a distribuição exacta da justiça.

E foi optima a escolha do governo de então.

Com imparcialidade, compostura, criterio e solido conhecimento da legislação, o juiz de direito de Fortaleza honrou a toga de magistrado e conseguiu fazer-se considerado e estimado dos seus jurisdicionados.

Por motivos que ignoramos não acceitou a remoção daquella comarca, onde gosava de elevado prestigio, para a de Paranaguá no Piahy.

Em 1853 teve o Recife o prazer de vel-o nomeado juiz da primeira vara criminal.

Foram-se os tempos, mas ainda hoje os contemporaneos do distincto pernambucano referem a correcção do seu proceder como julgador.

Ficando avulso, acceitou o emprego de secretario da camara municipal desta capital, demorando-se nelle cerca de dois annos.

Depois exerceu a advocacia, profissão em que

muito se distinguia pelas altas capacidades que possuia.

Como juiz, preparou-se bem para comprehender a arte do justo por excellencia e que tem por fim a defesa dos direitos violados.

Elevou-se como jurisconsulto pela profundeza dos seus arrazoados e bem elaborados pareceres; defendendo os direitos dos constituintes, só pedia auxilio ao seu saber e á sua experiencia.

No campo vasto da tribuna judiciaria, a palavra lhe era facil e eloquente batendo-se pela causa do seu patrocínio.

Muitos foram os triumphos obtidos nesse ramo da actividade social, mesmo porque só defendia as causas boas, justas.

Foi advogado que muito fez na banca e grande nomeada conquistou.

Serviu, de intimo coração, ao partido conservador ao qual se filiou logo que abandonou os bancos academicos.

Corajoso e conciliador, leal e sempre fiel ao dever, revelou em todos os momentos politicos as admiraveis qualidades de partidario intransigente.

Não foi um inutil nas fileiras do grupo a que pertencia.

Jornalista, administrador, parlamentar, com um devotamento inexcedivel, nunca deixou de prestar relevantes serviços á causa conservadora.

Delle pode-se dizer que não era um retrogrado, como os da *junta do couce*; acceitava as reformas, comtanto que ellas fossem feitas com op-

portunidade, acompanhando o evoluir lento da sociedade, quando de interesse geral e solicitadas pela opinião.

Nisto era que consistia o seu modo de ser conservador.

Camaragibe e João Alfredo foram os chefes com quem o conselheiro Aguiar teve mais identificação política, e elles muito o acatavam como vulto de grande valor.

Serviu á causa da abolição com o concurso dos seus esforços.

Jornalista distincto pelo brilho da polemica que sabia sustentar com vigor, elle começou essa carreira que lhe foi tão fecunda em triumphos importantes, escrevendo para o *Diario de Pernambuco*, ao qual prestou serviços de subido alcance no não pequeno espaço de tempo de 1833 a 1844.

O *Lidador*, a *União* e a *Liga* tiveram-no como collaborador e foi redactor do *Clamor Publico*.

Do jornalismo elle passou a prestar serviços ao partido conservador como deputado á assembléa provincial de sua terra natal, e depois como representante de Pernambuco na camara geral.

Para sermos commedidos na admiração pelo barão de Catuama, não o apresentamos em pé de igualdade aos vultos de maior realce da tribuna parlamentar do antigo regimen; elle jamais conseguiu os triumphos de Cotegipe, Rio Branco, Nabuco, Silveira Martins, João Alfredo... privilegiados estadistas e oradores; mas não se lhe pode negar ter

sido um dos mais prestimosos cidadãos que têm passado pela camara brasileira, onde deixou effectivamente vestigios eloquentes da sua superioridade.

Quem compulsar os annaes das assembléas de que fez parte o illustre homem publico, encontrará, sobre assumptos da maior transcendencia, discursos e pareceres seus, attestadores da grande capacidade que o distinguia e do muito interesse que ligava aos publicos negocios.

Em successivas legislaturas, de 1843 a 1877 teve assento na camara quatriennial.

Foi deputado provincial de 1840 a 1855 e de 1870 a 1877.

Diversas vezes o seu nome appareceu em listas senatoriaes.

Na administração de duas provincias salientou-se tambem a brilhante carreira publica do eminente pernambucano.

Primeiramente acceitou a presidencia do Rio Grande do Norte, onde se demorou poucos mezes: de Maio de 1837 a Agosto do mesmo anno.

Apezar do pouco tempo de governo naquella provincia, deixou bem claro que, para as difficeis funcções de tão importante magistratura, lhe não falleciam as indispensaveis qualidades para bem governar: intelligencia, honestidade e sobremodo amor ao cumprimento do dever.

Sahi estimado por seus correligionarios e adversarios que, accordes, elevaram muito os meritos de um funcionario tão distincto.

Quarent'annos depois, era nomeado presidente do Ceará, cargo do qual tomou posse a 13 de Outubro de 1877.

Terrivel era a situação do Ceará nessa epocha

em que, a maior intensidade, assombrosa mesma, havia chegado a secca que por outras provincias do norte, tambem causava males incalculaveis.

O barão de Catuama, patriota como sabia ser, acceitou o posto de confiança na nobre disposição de empregar todos os seus esforços em minorar os soffrimentos dos seus concidadãos daquelle pedaço de territorio nacional.

É honrosa á sua memoria e digna dos maiores elogios a administração que fez no Ceará.

Conseguiu, empregando zelo, actividade e moralidade, attenuar por meio de sabias medidas as consequencias funestas da secca.

Não fosse a politicagem, o governo honesto que fez não teria soffrido accusação na camara de 1879 por parte de um deputado liberal, logo rebatida por outro deputado da mesma politica, representante de Pernambuco, que mostrou nenhum fundamento ter a descabida accusação.

Deixou a presidencia em 1878 por não poder continuar, estando mudada a situação politica, pois os liberaes foram chamados ao poder nesse anno.

Para servir ao partido, sob cuja bandeira militou, não mediu sacrificios e até a propria vida elle teve occasião de expôr.

Por motivo da invasão desta capital pelos liberaes revolucionarios de 48, acontecimento que teve lugar a 3 de Fevereiro, o Dr. Ferreira de Aguiar apresentou-se nas ruas da cidade ostentando uma blusa de voluntario, collocando-se ao lado do governo do barão de Muritiba, presidente da provincia, differentemente de outros conservadores que, ás primeiras investidas dos denodados soldados da democracia, fugiram do theatro da luta, abrigando-se

em vapores de guerra que na occasião se achavam no porto.

Acho que o destemido pernambucano procedeu conforme o seu character recto, embora seja nossa opinião que a causa generosa e justa era a liberal, a desses patriotas que, como os defensores das liberdades batavas, de cada ultrage, de cada prepotencia do governo contra o qual se bateram, fizeram uma bandeira de combate, e quem assim procede só mostra altivez e independencia.

Deixando, porem, de parte as nossas sympathias pela gente da revolução, precisamos salientar que foi um acto de civismo aquelle que praticou o cidadão que faz objecto deste trabalho, no caso de ser imitado, em circumstancia identica, pelos que não consideram os deveres partidarios uma superstição e as convicções politicas uma burla.

O conselheiro Aguiar considerava a politica uma sublime e nobre sciencia, por meio da qual os povos conquistam felicidade, e por isso praticava com amor os seus principios mais puros.

Entrou para a Academia como leute por nomeação de 25 de Abril de 1855 e jubilou-se em 9 de Fevereiro de 1884.

Entre os nomes famosos que mais teem illustrado a Faculdade de Direito se acha o do conselheiro José Antonio Ferreira de Aguiar.

Possuia os requisitos indispensaveis ao papel dignissimo de professor de direito.

Encanecido no glorioso serviço da Patria, de correcção provada, de notavel preparo juridico, foi

bella a aquisição que fez o nosso estabelecimento de instrucção superior.

Teve carinhoso acolhimento por parte da mocidade e da congregação, fazendo-se pelo seu fino trato sympathizado pelos collegas e venerado pelos discipulos com os quaes distribuiu com generosidade os fructos de sua experiencia de homem publico, e as preciosas joias de seus conhecimentos scientificos.

Não pode deixar de ser dito que, na marcha triumphal da Faculdade, não o podemos collocar em lugar secundario.

Si não foi um adeantado pregador de idéas, não quiz ser tambem um dos aferrados á letra apagada das sebatas apostillas.

Na cathedra era eloquente, e com clareza admiravel expunha os assumptos da materia que leccionava mostrando a lucidez de um espirito bastante cultivado.

Como julgador, guardava a compostura de juiz conservando modos severos, mas na phisionomia patenteavam-se os traços de uma accentuada bondade; de modo que, nos exames, em vez de inspirar medo aos discipulos, elle os animava com o ar benevolo que não podia guardar.

No seio da Congregação predominava seu voto como affirmam os que o conheceram.

Casou se em 1833 com D. Josephina Carolina da Silva Guimarães, senhora distincta pelos preciosos sentimentos de su'alma ricamente dotada. Na vida conjugal foi completa sua felicidade, pois nunca lhe faltaram as alegrias e os encantos que no lar

honrado se pode encontrar. Amou a família com todas as forças do bondoso coração que possuía. Dos filhos que teve, e aos quaes deu educação perfeita, lhe sobreviveram cinco, cumprindo notar que um delles foi o Dr. João Juvencio de Aguiar que no scenario politico de nossa terra representou importante papel.

Falleceu no dia 17 de Novembro de 1888, deixando a saudade que desperta a perda de um cidadão da sua estatura moral.

O que mais realce deu ao conselheiro José Antonio Ferreira de Aguiar foi o caracter tão belamente formado que possuía.

Sem o caracter que é uma grande força, o homem deve se considerar desarmado para as difficis lutas da vida. Delle até a sciencia, esse factor da civilização moderna, recebe os melhores impulsos na sua marcha evolutiva.

Torna-se inutil ou prejudicial quem dotado de superior talento não reúne essa qualidade ao caracter, ao passo que o criterio e a boa vontade somente concorrem para elevar muito um individuo na sociedade.

Washington, com perseverança, abnegação, vontade e razão, conseguiu fundar a republica americana, e concorreu para o progresso admiravel desse povo que pelo grande adiantamento assombra o mundo; no entretanto o notavel americano, na opinião de Jefferson, não possuía um espirito de primeira ordem.

Entre nós o conselheiro Saraiva, que não era

um genio, que não era um sabio, foi entretanto, como estadista, nos ultimos tempos do imperio, o *primus inter pares*, assignalando a sua vida por grandes serviços prestados á causa da liberdade e ao progresso da Patria.

O conselheiro Aguiar foi grande principalmente pelo caracter.

Tambem deve-se dizer delle que tinha confiança em si e no futuro da Patria, nunca se abateu pela descrença que é o pessimismo que mata as melhores energias.

Comprehendia a verdade contida na maxima muito conhecida: « A sabedoria da vida está em ter fé e saber esperar. »

A unica ambição do barão de Catuama na vida, reduzia-se ao expressivo pensamento de Diderot :

« Faire le bien, connaitre le vrai, voilà ce que distingue un homme d'un autre, le reste n'est rien. »

EDUARDO W. T. BARRETTO.



Paisagem

Num postal que representa uma linda paisagem e offerecido á gentilissima senhorita Olegarinha Phacante.

Uma paisagem triste. A cachoeira
Jorra no abysmo o corpo crystalino ;
Arvoredo sombrio. . . ribanceira
Dum regato de incognito destino.

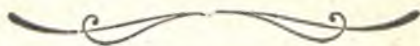
Repete n'agua o tom crepusculino
Rude gradil de fragile madeira :
Ah ! Sobre este gradil é que me inclino
Debruçando a minh'alma forasteira.

Mil perdões, senhorita. O olhar tristonho
Dum velho desengano se combina
Co'a reflectida sombra da desdita.

Mas nos quadros e n'alma ha sempre um sonho
Para os jovens ; e vós, que sois menina,
Vesti de azul a abobada infinita.

Recife, 15-11-905.

CARLOS PORTO CARREIRO.





Dr. Rosa e Silva

Na galeria dos patricios illustres que a *Cultura Academica* tem apresentado a seus leitores, figura hoje o retrato do sr. dr. Francisco de Assis Rosa e Silva, notavel estadista brasileiro.

Filho do pranteado commendador Albino José da Silva e sua veneranda esposa, d. Joanna da Rosa e Silva, nasceu no Recife aos 4 de Outubro de 1857, em o predio n. 91, á rua Marcilio Dias outr'ora rua Direita.

Herdando de seus paes as magnanimas qualidades que lhe enaltecem o espirito, mostrou-se o jovem Rosa e Silva, estudante

talentoso e applicado, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes aos 20 annos de idade, após um tirocinio dos mais brilhantes na nossa Faculdade, perante a qual a 24 de março de 79 defendia theses, obtendo o grão de doutor em direito por approvação plena.

O distincto academico que, ainda preparatorio, fundara um jornalzinho literario, em companhia de seu irmão José Marcelino e seu amigo Silva Marques, atirou á publicidade *A Lucta*, periodico abolicionista e politico, onde se mostrou polemista vigoroso, ao lado dos esperançosos talentos de então Souza Pinto, Rebello Junior, Cismontano, Torres Bandeira, Soares de Azevedo e Generino dos Santos.

Mais tarde, acabou o dr. Rosa e Silva de ganhar seus foros de jornalista desta vez politico e partidario, na redacção d'*O Tempo*, orgam que obedecia á orientação conservadora do benemerito João Alfredo Correia de Oliveira e onde se batiam alem delle, Gonçalves Ferreira, Democrito Cavalcante, Moreira Alves, Manoel Peretti, Miguel Pernambuco, Tolentino de Carvalho, Mello Rego e outros em desafio á columna do partido liberal, do *Jornal do Recife*, sustentada por Sigismundo Gonçalves, Ermirio Coutinho, Ulysses Vianna, Magarinos, Seraphico, João Augusto, Orlando, Guennes e diversos.

Tendo collaborado na antiga phase do *Diario de Pernambuco*, o dr. Rosa e Silva adquiriu-o mais tarde transformando-o, por completo, para sob sua direcção obedecer ás exigencias do jornal moderno.

Político, a carreira do illustre coestadano é tambem das mais brilhantes: apresentado e eleito a deputação provincial em 1882, tem visto desde então ininterruptamente renovada sua candidatura pela confiança do eleitorado pernambucano.

Deputado provincial durante 3 biennios, tomou posse da cadeira de deputado geral, para a qual o elegera o 10.º districto, em 1886.

Nessa representação a defesa dos interesses do commercio e da agricultura, tornaram-no benemerito a essas classes, cujas sociedades directoras—a Commercial Beneficente e a Agricola—o elegeram socio benemerito, ornando as sedes com seu retrato.

Nomeado ministro da Justiça em 1889, teve o dr. Rosa e Silva a satisfação de servir ainda com o glorioso ministerio libertador de 10 de março e ver-se novamente prestigiado pelas urnas de seu districto.

Dissolvidas as camaras pelo golpe de 15 de novembro, foi en-

tretanto s. exc. escolhido para representar o Estado de Pernambuco no Congresso.

Tendo adherido á Republica, insurgiu-se contra a má distribuição das rendas federaes e estaduaes, levantando vehemente protesto ao ver que Pernambuco fôra açambarcado pelos Estados do Sul quanto ao numero de seus representantes.

Tal ascendencia tomou perante seus pares o deputado Pernambucano, já reeleito, que em 1894 era escolhido Presidente da Camara por grande maioria de votação que se tornou quasi unanime, por occasião da reeleição á presidencia, cujo cargo só deixou quando reconhecido senador federal em 96.

Tomando a chefia do partido republicano do Estado natal por essa epoca, foi pouco depois em 1897, eleito vice-presidente da Republica, assumindo o exercicio no impedimento do dr. Campos Salles, em viagem á Republica Argentina.

Terminado o tempo de sua Presidencia no Senado, foi o apreciado patricio eleito novamente senador por Pernambuco.

Na vida publica do dr. Rosa e Silva dous factos salientam seu character, apreciado pelos proprios adversarios : a honestidade e a moderação.

Honesto, sem suspeição, batendo-se desde o inicio de sua carreira pela verdade eleitoral, s. exc. dotou a patria com a lei n. 1269 de 15 de novembro de 1904, cruelmente esphacelada pela verificação de poderes em 1906.

Atravessando phases agitadissimas, nunca auctorizou nem approvou violencias que lhe deslustrassem o nome.

E', pois, um pernambucano digno entre os que mais o forem.

F. B.



Eterna Historia

(NO ALBUM DO DR. VICENTE FERRER)

*« Amar ! tu sabes o que é amar ? » disseste,
erguendo os olhos para o céu formoso...
—Morria além o teu olhar saudoso
na vastidão do paramo celeste.—*

*E eu disse-te a sorrir : Tão mal fizeste
fitando o azul do espaço silencioso !...
Amar ? é ter-se o coração ditoso
banhado neste olhar que tu lhe deste.*

*Amar ! (que importa seja a eterna historia ?)
doce palavra ou canto d'avesinha,
retumbante clangor duma victoria,*

*Amar—é ser-se rei, ser-se rainha...
é o enlevo, a ascensão, o nimbo, a gloria
de quem pode dizer : « és Meu, és Minha ! »*

ODILON NESTOR.



Tradições académicas



UM artigo que eu acabo de ler sob o titulo *Dans le Monde des Etudiants*, o autor passa em revista os costumes universitarios da Europa e da America do Norte.

Começa o estudo pelas universidades teutonicas, onde o novato é cognominado *mulus*, e os que, por falta de meios pecuniarios não fazem parte de associação alguma, são conhecidos por *obscurantes*.

Os membros dos *korps* e dos *bürschenschaften*, ou, por outra, os que têm o direito de cidade naquelles centros intellectuaes, trazem em cruz, por cima do collete, uma fita de tres côres e da largura de dois dedos, como distinctivo da associação a que pertencem. Usam a *mütse*, bonet de côres iguaes á fita, ou um *képi* que se assemelha muito aos dos officiaes da infantaria alleman em pequeno uniforme.

Para os domingos e dias de ceremonias officiaes cada associação exige vestimenta propria: — «tunicas de phantasia ricamente bordadas, dragonas, dolmans com alamares custosos sobre a espadua esquerda, calções estreitos de pelle de gamo, e botas de verniz, com esporas douradas. »

Os estudantes de um mesmo *bürschenschaft* vivem na melhor camaradagem, passeiam acompanhados dos enormes cães de fila da associação, batem-se em duellos, que nem por parecerem comicos deixam de ser sangrentos. Os *Schlägermensuren* pertencem a uma antiga tradição universitaria e constituem uma especie de attestado indispensavel no processo de admissão dos clubs academicos.

Sem essa prova de bravura, sem o assignalamento do gilvaz, resultante de um ou mais encontros no campo da honra, a admissão é impossivel.

Os estudantes de Oxford e Cambridge conservam com religião os costumes e vestes medievaes.

Usam batina de sarja preta e um barrete ou *sche-pske*, de borla.

Pertencem a Clubs de todo genero : sportivos, politicos e mundanos. No Club da União, o mais curioso é a *Debating Society*, em que os associados fazem brilhantes ensaios de torneios parlamentares.

Joaquim Nabuco diz a proposito as seguintes palavras, citadas por mim em outra occasião :

« Gladstone nunca tomou mais a serio os grandes debates da Camara dos Communs do que os da União, de Oxford, quando propunha votos de censura ao governo de Wellington ou ao de Lord Grey ».

Alem das questões politicas e economicas que servem de assumpto nos certamens, os clubs montam peças de theatro, com todas as exigencias da scena, e organizam divertimentos sportivos que se tornam celebres.

As universidades americanas, enriquecidas pelos velhos discipulos pecuniosos que lhes fazem doações regias, seguem o regimen das inglezas.

Ordinariamente os cursos dividem-se em quatro annos e os estudantes são conhecidos por titulos correspondentes ao ponto em que se acham no tirocinio academico. São chamados *freshmen* os do 1.º anno ; *sophomoros* os do 2.º ; *juniors* os do 3.º ; e *seniors* os do 4.º.

Os novatos devem respeito aos mais velhos, como entre nós os calouros aos veteranos, e, se não guardam esse respeito, são punidos com penas ridiculas, como, por exemplo,

assentar-se na lama do meio da rua ou cahir de joelhos aos pés da primeira dama que surja.

E diz o autor citado : - Não ha exemplo que um *fresh-man* se tenha recusado a submeter-se a esse *veredictum*.

Os estudantes hollandezes não são frequentadores dos cafés nem das cervejarias, como os allemães.

Passam o seu tempo nos clubs, com uns modos aristocraticos e reservados que lhes dão physionomia fóra do commun nos outros centros universitarios da Europa.

Nas universidades hespanholas, se os costumes têm mudado, o estudante continua a ser o mesmo, como nos bons tempos dos bachareis de Salamanca.

O ensino modernizou-se, os programmas foram reformados, com a preponderancia das idéas liberaes e das novas sciencias ; mas os privilegios que caracterizavam os estudantes hespanhoes da Idade Media resistem á acção nivelladora do tempo.

Em Paris, «se o *quartier Latin* não tem desde algum tempo dado o que falar ; se os kiosques não são removidos ; se os *tramways*, como nos tempos heroicos do incidente Nurger, não são queimados ;» em todo caso os estudantes ainda ostentam, de longe em longe, nos dias solemnes o gamenho barrete de velludo, como reminiscencia dos sagrados habitos de outr'ora.

Essas informações, colhidas no artigo citado, suggeriram-me a ideia de fazer tambem um inventario de algumas das nossas tradições academicas que se vão perdendo.

E' certo que a Faculdade do Recife não tem o prestigio da ancianidade que ao centros universitarios da velha Europa real dá o aspecto venerando, nem possui os tons majestaticos das opulentas universidades americanas, todas essas causas que de umas e outras fazem «um meio especial, muito á parte, regido por leis particulares».

Não tendo ainda completado os seus cem annos, o que em comparação com uma velha universidade nascida no periodo medieval—é a infancia, a Escola de Direito do Recife não adquiriu os ares severos da longevidade que impõe o respeito e dá o realce ás lendas.

Os nossos academicos nunca tiveram, por exemplo, as

regalias dos estudantes da Universidade de Paris no seculo XII, os quaes, por um favor dos principes, pairavam acima das leis.

Se um daquelles privilegiados, procedente da Inglaterra, da Allemanha, da Polonia, da Suecia e Noruega, não encontrava um alojamento no bairro latino, tinha a faculdade de escolher casa, despedindo o morador legitimo; se o aluguel fosse exorbitante poderia diminui-lo a juizo do reitor; se a vizinhança de uma officina lhe parecesse incommoda pelo ruido ou pelo mau cheiro, tinha o direito de ordenar o despejo, sem que ao prejudicado fosse permittida a interposição de um recurso judicial.

E, coisa incrível naquelles tempos! nem mestres nem discipulos estavam sujeitos ás penas de excommunhão.

O Curso Juridico de Olinda não auferiu jamais essas vantagens, nem foi um recinto inaccessivel ás leis communs.

Do ponto de vista intellectual mesmo, se o seu prestigio cresceu rapidamente, tornando-o o maior centro de cultura e de cohesão nacional; se os estadistas do 2.^o reinado, que do seu recinto sahiram instruidos nos lemmas do Direito e na religião do civismo, poderiam chamal-a a *fonte do saber ou a arvore da vida*, como assim o foram as mais famosas universidades medievaeas; isso não quer dizer que o seu renome tivesse chegado ás alturas da escola de Bolonha, que foi a metropole do Direito, graças ao saber de Irnerius, ou da Escola de Paris que, aos influxos do genio de Abailard, se tornou o centro da philosophia, ou da escola de Salerno, que enriqueceu os cabaedae da medicina no seu tempo.

São muito mais pobres os titulos de recommendação da nossa Escola; mas isto não é motivo para os desprezar. A ermidinha solitaria, que se ostenta num pendor de serra, toda de branco vestida, não pode competir com as soberbas cathedraes do mundo; o seu Christo, descarnado e melancholico, em nada se parece com os de marfim e ouro que riem triumphalmente nos seus nichos por onde passaram de joelhos os reis e os grandes capitães; mas nem por isto ella deixa de ter os seus fieis que lhes vão levar com fervor, nos grandes dias do anno, os tributos de vassallagem.

O Curso Juridico de Olinda, por affinidades de raça e de lingua, ou pelo facto de ter recebido no seu seio, aos pri-

meiros lampejos de sua Historia, alguns iniciados na vida academica de Coimbra, teve de adoptar costumes e ditos da velha universidade portugueza, que, por sua vez, os colheira nos habitos e no espirito dominante em outros centros letrados da Idade Media.

Assim, os titulos academicos, residuos de velhos costumes das escolas juridicas de Constantinopla e Beryto, que passaram para as universidades medievas, rejuvenesceram na de Olinda, graças ás tradições da lendaria escola do Mondego, como succedeu ás americanas, em relação ás de Oxford e Cambridge.

Vieram de Coimbra os ditos chistosos, as palavras cabalisticas, os termos da giria, os costumes, as solemnidades, as vaías, as patuscadas nocturnas, o cerimonial na admissão dos novatos, que aqui se ficaram chamando calouros.

Dalli trouxeram tudo os primeiros incolas da Academia Olindense, disse o Barão de Penedo; dalli trouxeram tudo, menos a *batina* e o *gorro*, naturalmente porque, na transplantação dos usos e costumes para outro clima e novo centro de vida, aquelles foram os mais faceis de esquecer.

Eram de uso externo, não se aclimatavam bem nos tropicos, onde os dias caniculares exigem o chapéo de abas largas e tecido leve e onde os idéaes jacobinos, abebeirando-se nas fontes da Revolução Franceza, não permittiam o uso da *lôba* aos que se destinavam ás carreiras seculares.

Um exemplo desse meu modo de ver fornece-me a ruidosa passeiata que os academicos olindenses fizeram ao chegar neste porto a noticia da pacificação do Rio Grande, após a decada sangrenta da famosa Republica de Piratinin.

O corpo academico reuniu ao anoltecer do dia 16 de Março de 1845, e desfilou pelas ruas principaes de Olinda, á luz de archotes e fogos de Bengala, todos, excepto a commissão encarregada de saudar aos Lentes e ao Director, vestindo, numa uniformidade regimental, *roupas de brim branco e chapéos do Chile*. (1)

A respeito dos costumes, que faziam parte do patrimonio moral da velha universidade, o caso foi outro.

(1) Esta informação me foi transmittida pelo Dr. Hemeterio José Velloso de Oliveira, então estudante do 1.º anno e actualmente no Rio Grande do Sul.

As pessoas de trato podem abrir mão dos aneis custosos, quando a pobreza lhes põe o assedio, e muitas o fazem com desprendimento ; mas a penuria não as obrigará a trazerem as unhas crescidas e sujas.

E' que no primeiro caso se trata de cousas exteriores da ostentação e da moda ; e no segundo de uma exigencia do acao que se torna um habito transmittido hereditariamente.

Quero dizer que as tradições, representando o patrimonio moral, não dependiam do regulamento para a sua transplantação, estavam nos atomos dispersos da atmosphaera escolar, vieram das margens do Mondego nas saudades e nos habitos dos que haviam frequentado a lendaria universidade portugueza.

Aqui receberam apenas o colorido local, de accordo com o espirito do tempo.

Eram do numero desses costumes as patuscadas nocturnas, que em outros dias tiveram em Coimbra o appellido bizarro de *soiças*.

Não creio que no Curso Juridico da velha cidade a organização das *soiças* fosse completa.

Antes é possivel que não tivessem passado de um arremedo synthetico dos seus traços geraes.

Segundo vejo em umas referencias ás antigas chronicas de Coimbra, os rapazes organizavam as *soiças* no silencio das pavorosas noites medievaes, na cidade ás escuras, com as vestes escolares,—o cinturão a apertar-lhes a batina e a prender-lhes as espadas,—afivellando ao rosto pequenas mascaras que lhes davam, á luz vermelha dos archotes, um aspecto phantastico.

Formavam assim um estrepitoso carnaval, correndo toda escala do espirito endiabrado, ao som de guizos, latas, violas, guitarras e tambores, uns gineteando em burros lezardentos, outros brandindo lanças e ostentando elmos de barro.

Caminhavam de um a um, em fileira indiana, com um pendão aberto aos ventos, colleiando-se pelas ruas estreitas e tortuosas, ou fazendo caracões nas praças e terreiros, afim de envolverem nos seus grandes tentaculos os pascacios em fuga.

As patuscadas nocturnas de Olinda não eram bem desse molde.

Foram, talvez, simples copia, com uns laivos pernambucanos de serenatas ao luar e ao som dolente de violões apaixonados accordando as lendas amorosas do Beberibe, mesmo assim fazendo chegar desrespeitosamente a mostarda aos narizes ecclesiasticos dos Conegos da Sé e sabendo a cousas do demonio ás velhas devotas de S. Bento.

Foi numa dessas patuscadas que se deu provavelmente o episodio do carneiro furtado ao reverendo cathedratico Padre Coelho. Tinha o padre no seu quintal murado um carneiro á engorda, um carneiro que, acostumando-se á obediencia dos ritos canonicos, adquirira, ao mesmo tempo, uns ares conventuaes no goso com que saboreava as refeições fartas e os prazeres do ocio.

Numa noite de troça os estudantes resolveram furtal-o, pondo em uso todas as artimanhas de uma farça. Assim, contaram ao Padre Coelho, com a uneção religiosa de almas compassivas, que um dos seus discipulos, dado ás vezes ao vicio da embriaguez, tendo imprudentemente montado a cavallo no seu muro, cahira para o lado interior, ficando silencioso e inerte como se fosse o reboco da parede que se tivesse desprendido.

Desejosos de impedir que o Padre chegasse a vel-o naquelle estado, pediram licença para o retirar de forma a não ser conhecido.

Dada a licença de modo amplo, para que não parecesse haver da parte de um ministro do Senhor o mais ligeiro vislumbre de curiosidade, os estudantes agarraram o carneiro, e, cobrindo-o com um grande sobretudo, deitaram-no em umas andas improvisadas, fingindo quanto possivel o corpo do supposto bebedor.

Ao passarem pelo ingenuo padre, que lamentava em boa consciencia a perversão dos costumes, o reverendo cathedratico limitou-se a dizer-lhes, no tom mais unctuosos que lhe foi possivel obter da sua voz habituada ao cantochão:— *Levem-no direitinho, meus filhos !...*

E' excusado accrescentar que no dia seguinte o carneiro estava figurando numa grande caldeirada para honra e gloria de um festim de epicuristas.

Além das patuscadas nocturnas á *la belle étoile*, os es-

tudantes faziam representações theatraes que se tornaram celebres.

Não consta que daquelles ensaios sahisse um João Caetano ou um Talma, revelando em scena as scintillações do genio ; mas nem por isso os espectaculos deram menos que falar.

★ O Barão de Penedo, referindo-se á falta de distracções *intra-muros* na cidade habitada por mais de quinhentos estudantes, diz que num pardieiro chamado theatro organizaram mais de uma vez representações e que esse grupo de actores, apezar da falta de escola, impressionava muito bem ao auditorio. Entre as peças levadas á scena figurava o *Desertor Francez*, dramalhão ao sabor daquelles tempos, cabendo o papel de *Major Franca* a Nabuco de Araujo, que depois obteve os maiores triumphos na scena politica do 2.º reinado.

Não era então o theatro no Brasil um divertimento de uso generalizado e no solo pernambucano pouco deveria ter conseguido passar d'*O Rico Avarento* e do *Lazaro Pobre*, representados em 1575 pela primeira vez.

Verdade é que as representações não se davam mais nos adros das igrejas, ou nas florestas proximas aos aldeamentos dos indios.

O proprio Nabuco de Araujo, que tão bem representou o papel de *Major Franca*, é possível que o tivesse visto no Rio, onde o *Desertor Francez* fôra levado á scena no theatro particular da rua dos Arcos, em dias do 1.º reinado, depois de o ter sido por João Evangelista e Antonio José Pedro, no tempo do Sr. D. João VI.

Não consta que a empresa theatral da Academia houvesse jamais obtido condições de verdadeira estabilidade, concedendo aos *habitués* os prazeres de successivas estações dramaticas ; mas o facto repetiu-se outras vezes e não resta duvida que Olinda teve durante dois decennios o seu theatro academico funcionando numa rua parallela á de S. Bento, com um bom scenario e «sufficiente numero de cadeiras na platéa e nas galerias».

Sei que alli foi representado a 11 de Agosto de 1846 o *Elogio Dramatico* de Antonio Rangel de Torres Bandeira, allusivo á creação dos Cursos Juridicos. Por esse tempo eram figurantes em scena aberta, com o desembaraço de actores

profissionais, os academicos :—Buarque de Nazareth, Nunes Gonçalves, Agnello Ribeiro, Fernandes da Cunha, que foi ao depois senador pela Bahia e tão grande brilho deu á tribuna parlamentar, Cypriano Alcoforado, Ferreira Franco, Sebastião Braga, Sousa Reis, Antonio Annes e alguns outros.

Levaram á scena dramas bem difficeis e com irreprehen-sivel desempenho, affirmou-me o Dr. Hemeterio José Velloso da Silveira, em ligeiras informações que teve a fineza de me fornecer.

Com a mudança da séde da Academia para o Recife desapareceu o theatrinho academico á medida que o espirito de corporação se foi diluindo na convivencia da vida ampla da capital.

Entretanto, nada impedia que o theatrinho continuasse a viver no Recife, á guisa do que se dava na Escola Militar da Praia Vermelha, onde as representações dramaticas attrahiam selecta e numerosa concurrencia.

Ainda hoje, os estudantes de Harvard e Yale, na America do Norte, organizam representações theatraes, admiravelmente ensaiadas, encarregando-se elles proprios da orchestra, que vae do *cake walk* desabusado até os mais difficeis e os mais longos trechos de Wagner.

Em vez disso, os rapazes do Recife passaram a ser frequentadores do Santa Isabel, promovendo torneios literarios, como os do tempo de Tobias e Castro Alves.

Os que escreveram dramas, ou não os puderam ver representados, como succedeu a Annibal Falcão com o seu *Doutor Alberto*, ou os tiveram de ver levados á scena por estranhos á Academia, como se deu com a *Disciola* do meu estimado Alfredo Pinto, ambos menos felizes do que o referido Torres Bandeira relativamente ao seu *Elogio Dramatico*.

Em todo caso, e esporadicamente, os academicos tomaram parte em representações theatraes, menos por impulsos literarios do que por fins caritativos.

Assim me recordo vagamente de um spectaculo no theatro Santa Isabel, ahi por 1878 pouco mais ou menos, em que tomaram parte, alem de outros, os academicos Pepes de Vasconcellos e Moncorvo.

Então foi levado á scena um drama tirado dos *Miserables*, de Victor Hugo.

Quando eu cursava o meu 4.º anno, em 1884, um grupo de academicos emancipadores composto, se bem me lembro, de Cyridião Durval, Pedro Vergne, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães e alguns mais, levou á scena no mesmo theatro o *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, drama de Castro Alves, em beneficio da Sociedade *Ave Libertas*.

Que eu saiba, foi a ultima vez que os da Academia do Recife sentiram as emoções da scena.

As sociedades literarias e dansantes, os gremios juridicos e os clubs politicos tiveram tambem o seu periodo aureo.

No meu tempo figuraram na ordem do dia as sociedades emancipadoras que deram um grande realce, pela sinceridade e pelo desinteresse dos seus votos, á campanha da abolição.

E' digna, porem, de menção honrosa, entre as de todo genero, a *Tungendbund*, sociedade meio maçonica, meio carbonaria e sobretudo muito chistosa pelos termos do seu ritual, organizada mais ou menos ao fazer explosão a guerra do Paraguay.

Não lhe pretendo contar a historia, mas não posso resistir ao desejo de offerecer aos leitores da *Cultura* uma ideia do engraçado cerimonial solemnemente prescripto para a admissão dos socios.

No momento em que o irmão *Terrivel* dava tres pancadinhas cabalisticas na porta de entrada, o irmão *Grancophita*, com os seus altos poderes de veneravel, perguntava do interior :

— Quem bate á porta do templo ?

Então representava-se a seguinte scena do estylo :

TERRIVEL.—E' um caminheiro perdido nos vastos desertos da vida que procura um oásis verdejante, onde se encontre a benefica fonte da sciencia e da liberdade.

TODOS.—Profanação !... (Dobra-se o sino e dão-se tres pancadas na mesa).

GRANCOPHTA.—Quem o conduz ?

TERRIVEL.—O irmão Terrivel.

GRANCOPHTA.—E se elle for um traidor ?

TERRIVEL.—Eu responderei por elle.

GRANCOPHTA.—Entrae. (O neophito é introduzido na sala).

GRANCOPHTA.—Quem és ?

NEOPHITO.—Um viajante.

GRANCOPHTA.—Como te chamas ?

NEOPHITO.—Homem.

GRANCOPHTA.—E' o nome dado por Deus. Qual o que te foi dado pelos homens ?

NEOPHITO.—(Diz o nome).

GRANCOPHTA.—Donde vens ?

NEOPHITO.—Do paiz das trevas.

GRANCOPHTA.—Que deixaste ?

NEOPHITO.—O erro e a mentira.

GRANCOPHTA.—E para onde vaes ?

NEOPHITO.—Para o paiz da luz.

GRANCOPHTA.—Que procuras ?

NEOPHITO.—A verdade.

GRANCOPHTA.—Achas-te com forças de lutar em sua procura ?

NEOPHITO.—Experimenta—Faze as provas que quizeres.

GRANCOPHTA.—Amas a virtude ?

NEOPHITO.—Como amo ao proprio Deus.

GRANCOPHTA.—Pois bem ! Prova da taça da virtude e possa o seu nectar embriagar tua alma e teu coração. (O neophito prova então da taça da virtude, que é um *punch* saboroso).

GRANCOPHTA.—Odeias o vicio ?

NEOPHITO.—Como odeio a Satanaz.

GRANCOPHTA.—Prova da taça do vicio e possa o sabor livrar-te dos izeus perfidos venenos... (O neophito prova então da taça do vicio que tem o amargo da quassia e a acidez do vinagre).

GRANCOPHTA.—Queres pertencer a Tungendbund ?

NEOPHITO.—Quero.

GRANCOPHTA.—Não temes ?

NEOPHITO.—Só se teme o mal e a Tungendbund é o bem.

TODOS.—(depois de tres pancadas symbolicas na mesa). Alpha-Omega !

GRANCOPHTA.—Sabes que, ao entrares no recinto deste augusto templo, fazes tacitamente a renuncia do teu eu e da tua liberdade em nosso proveito e segurança ?

NEOPHITO.—Sei.

GRANCOPHTA.—Sabes a que te obrigas ?

NEOPHITO.—Não.

GRANCOPHTA.—E tens a coragem de te entregar assim em nossas mãos, ignorando os nossos fins e os nossos meios ?

NEOPHITO.—Tenho.

GRANCOPHTA.—E obedecerás cegamente aos mandados do teu chefe ?

NEOPHITO.—Cegamente.

GRANCOPHTA.—Se o veneravel Grancophta te ordenar a pratica de acção contraria ás leis do teu paiz e contra a moral da tua religião, que farás ?

NEOPHITO.—Obedecerei cegamente.

GRANCOPHTA.—E's valoroso !

TODOS.—Alpha-omega !

GRANCOPHTA.—Se eu te ordenar a desobediencia a teus paes ? Se eu te ordenar que craves um punhal da *Tugendbund* no coração do teu amigo, dos teus irmãos e mesmo de teus paes, que farás tú ?

(O neophito responderia o que quizesse. Se fosse negativamente, o Mestre, depois de todos bradarem *alpha-omega* ! far-lhe-ia um elogio, e se respondesse affirmativamente, todos protestariam aos sons das martelladas e dos sinos, tres' vezes).

TODOS.—Profanação ! Profanação ! Profanação !

GRANCOPHTA.—Miseravel, pois tu és capaz de renunciar os sentimentos justos e honestos que bebeste em tua infancia no seio materno para obter o triumpho precario de uma causa ainda mais precaria...

NEOPHITO.—Perdão, Veneravel ! eu não sabia o que dizia.

GRANCOPHTA.—Então não tens o uso da razão, és um des-assisado e a *Tugendbund* não precisa de doudos.

TODOS.—Oh ! Alpha-omega !

TERRIVEL.—Veneravel Grancophta, ás vezes o medo se apodera do homem, e a razão vacillante se desvaira ;—perdoai-lhe, Senhor !

GRANCOPHTA.—Estás arrependido F... do que disseste ainda ha pouco ?

NEOPHITO.—Sinceramente.

GRANCOPHTA.—Pois bem ! Em nome de Deus, em nome da Patria e em nome da Liberdade, eu te perdoo.

TODOS.—Alpha-omega !

GRANCOPHTA.—Mortal, medita. (Levam o neophito para o quarto da meditação, onde o deixam estar pelo espaço que quizerem : depois da meditação o neophito volta á sala e começa de novo a cerimonia).

TODOS.—Alpha-omega !

GRANCOPHTA.—Meditaste ?

NEOPHITO.—Medittei.

GRANCOPHTA.—Dize o resultado de tua meditação.

NEOPHITO.—(Diz sobre o que meditou).

GRANCOPHTA.—Queres pertencer a *Tugendbund* ?

NEOPHITO.—Quero.

GRANCOPHTA.—*Fratres, vultis Neophitum sicut fratrem ?*

TODOS.—*Volumus.*

GRANCOPHTA.—Pois bem ! vem prestar o juramento. (Vem o neophito, põe a mão sobre um livro qualquer e, ajoelhando-se, começa a repetir o juramento).

GRANCOPHTA.—*Ego (o nome do neophito) juro manum super libero venerabilem secretum tacitum premere executare et facere executare omnia quaecumque mandaverit magnus noster venerabile Grancophta. Ita spero.*

TERRIVEL.—(repicando os sinos.) *Habemus fratrem.*

TODOS, alegremente :—Alpha-omega !

GRANCOPHTA.—Tira o teu nome (o neophito tira o nome de

uma urna, e dá ao Grancophta que, depois de lhe bater tres vezes no hombro, proclama o nome de guerra e diz:

—Armo-te cavalleiro da *Tugendbund*, e faço-te defensor dos tres principios: Deus, Patria e Liberdade.

TODOS, alegremente—Alpha-omega!

GRANCOPHTA.—*Aportate panellam*. (O orador pede a palavra).

ORADOR.—Veneravel Grancophta, dae-me o ouro da lingua de S. Chrisostomo e chamae o Espirito Santo sobre a minha cabeça.

GRANCOPHTA.—(abençoando-o) Fala.

ORADOR.—(Dá 3 pancadas com um martello na mesa antes de começar e ao depois faz o discurso do estylo).

GRANCOPHTA.—*Commencez la danse á la ronde* (Terminada a dansa, o Grancophta desce de seu throno, e, entregando a vara ao orador, abraça o neophito, o que todos os outros igualmente fazem).

GRANCOPHTA.—*Fiat lux; tirate vendam*. (Trazem a luz e tiram as vendas). (2)

Não ha duvida que tem chiste o arremedo faceto do cerimonial maçonico e o latim estropeado do juramento.

A *Tugendbund* viveu em dois periodos. No primeiro foram seus creadores Carneiro Vilella, Domingos Pinto, José Hygino, Gonçalves Ferreira e Feliciano Pontual, que foi o irmão Grancophta.

Grande foi a sua influencia naquelle periodo, dizendo-se até que dos seus estimulos partiu a idéa do corpo academico offerecer-se para entrar nas fileiras armadas dos defensores da patria.

Na segunda phase foram figurantes notaveis José Carriho, Amorim Garcia, Sancho Pimentel, Gonçalo Faro, Fiel Grangeiro, que exerceu as funcções de veneravel, e Braz Florentino as de irmão *Terrivel*. Então funccionou á rua dos Prazeres, nos Coelhos,—e da sua parte literaria foi organ na imprensa *A Illustração Academica*, que apenas contou dois numeros.

Além disso a *Tugendbund* foi a promotora dos torneios literarios do *Oiteiro*, composto de oradores e poetas ambulantes, que discursavam ou faziam versos a proposito de tudo e até mesmo sem proposito.

Essas sessões do *Outeiro* provocaram as scenas do Café da Imperatriz em que os rapazes andaram ás testilhas com a policia urbana.

(2) Devo á gentileza do illustre Dr. Braz Florentino Henriques de Sousa o conhecimento deste chistoso cerimonial, que é inedito,

Foi o caso que, depois de assedio manhoso e vigilancia mascarada, um contingente de policiaes entrou alli de surpresa e á paisana, distribuindo pancadaria grossa, no momento psychologico em que um ardoroso poeta recitava os seguintes versos em favor dos escravos :

Do céu a semente desce,
Germina, rebenta e cresce...

Anastacio Cabral, por esse tempo estudante honorario, contava que, subindo a uma cadeira e agitando no ar seu chapéo de castor, bradara contra o attentado em tropos de indignação vermelha, até que tres ou quatro dos aggressores, interpellando-o com um intimativo—*que está dizendo, canalha?*—o obrigaram a responder no tom blandicioso do arrependimento :—*Não sei, disseram.*

Se vivo elle fosse, talvez pudesse dizer, como testemunha ocular, o seu juízo sobre o papel da *Tungendhund* naquellas incruentas expansões juvenis que o procedimento vilão da policia disfarçada transformou numa scena de cannibalismo.

A geração nova, que actualmente faz o curso de Direito do Recife, não conhecendo esses legados do espirito academico senão por uma esvanecente tradição oral, não pôde merecer censuras.

De um lado a falta de chronicas relativas á vida espirital dos moços nas tres phases da Academia do Recife, e do outro o ensino livre que, durante dois lustros, pelo menos, tornou a vida em commum dos estudantes um simples accidente no periodo esteril dos exames, occasionaram esse esquecimento dos usos e costumes.

Foi uma solução de continuidade que é preciso reparar com pertinacia.

Que os velhos discipulos sobreviventes tragam o seu testemunho insuspeito a ver se é possivel restaurar os antigos fóros academicos.

Essa demonstração de affecto será ao mesmo tempo um valioso serviço prestado á historia da civilização no Brasil.

Caxangá—23—8—906.

PHAELANTE DA CAMARA,

França Pereira



Luiz de França Pereira nasceu neste Estado em 24 de Fevereiro de 1870.

Concluido o seu curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde deixou um nome glorioso, tendo representado innumerar vezes o corpo discente nas maiores solemnidades; foi o orador da turma no acto da collação do gráu.

Secretario da famosa *Revista Contemporanea*, tem naquelle magnifico monumento de letras pernambucano, as suas melhores producções, quer em prosa, quer em verso, ora firmadas com o seu proprio nome, ora com o pseudonymo Luiz Fradique.

Escreveu tambem n'*A Provincia* e no *Commercio de Pernambuco*, onde tem excellentes artigos, principalmente de

critica litteraria e scientifica, apresentando-se-nos um ensaista de talento e criterio, e promettendo muitissimo.

Tem publicado: *Ritornellos Lyricos* (versos de 1889) e *A Patria Nova* (paginas de critica de 1890) ambos de collaboração com o seu estremecido e illustre amigo Theotônio Freire; um drama, em verso, *Os Vencidos*. Tem inedito: *Poemas Barbaros*, alguns dos quaes foram publicados na *Revista Pernambucana* e outros livros: entre elles um de critica e phantasia, que conhecido editor portuguez acaba de levar para a sua terra. Tem escripto bastante para o theatro.

E' membro fundador da Academia Pernambucana de letras, onde occupa a cadeira de Affonso Olindense.

Os que o conhecem, os que sabem o quanto elle vale, não poupam esforços para apresental-o no mundo das letras; mas a sua modestia — e nós conhecemos poucos homens de illustração e talento tão modestos quanto França Pereira —, tral-o num retrahimento profundo. Ainda ha bem pouco tempo, a commissão encarregada de erigir o mausoléo a Paulo de Arruda, que se ergue no Cemiterio Publico de Santo Amaro das Salinas, o incumbiu de escrever as palavras que se acham gravadas no livro de marmore daquelle monumento, e o modo pelo qual França Pereira se desempenhou dessa commissão, arrancou applausos dos que admiram o que é Bello.

Poeta distincto, escriptor illustre, orador imaginoso e eloquente, jornalista primoroso, é um dos mais estudiosos dos nossos homens de letras e trabalhador infatigavel; escreve e fala com proficiencia diversos idiomas, mantendo correspondencia com illustres escriptores estrangeiros, dos quaes tem recebido os maiores incitamentos para continuar, com ardor e da maneira porque o tem feito até hoje, a carreira das letras e da sciencia.

Mas a sua modestia o traz preso á sua thebaida do Cabo, a estudar e donde bem poucas vezes sahe para a publicidade. Sabem os senhores, qual o *sonho dourado*, presentemente, de França Pereira? Um logar na magistratura, ainda mesmo no alto sertão com tanto que lhe fique dinheiro para comprar livros!

Para prova do que vimos affirmando aqui transcrevemos uma das joias mais bellas, de que é cheio o escriptorio literario do dr. França.

O CEGO

—Luz!... Existe a luz? sinto sómente
Que ando pregado a um feretro de chumbo,
E pouco a pouco dentro em mim succumbo,
Vivo entre os mortos, morto ainda vivente.

A fôrma, é isto de que as mãos incumbo
Ver, que não vejo, e o espirito presente?
Se odeio e amo, — exalto-me e retumbo...
A côr será o som terno ou fremente?

Não sei; vivendo apenas dentro em mim
Soffro o maior de todos os degrêdos,
Dor sem conforto, mal que não tem fim.

Coveiro que a cavar jamais se acalma,
Tenho os olhos nas pontas de meus dedos,
E os dêdos são os olhos de minh'alma!

FRANÇA PEREIRA.

JOÃO CLAUDIO,

Bemditas Lagrimas

*Vós que ides ler um dia estes meus versos,
Nelles cravae o vosso olhar agudo
E desvendae os intimos, diversos
Ignorados segredos disso tudo.*

*Se inda não basta, em impetos perversos
Podeis vasar o vosso odio sanhudo
Sobre os meus cantos simplicies, dispersos,
Que eu vos serei indifferente e mudo.*

*Mas nem um só de vós ouse no entanto
Ferir com a ponta acerba da ironia
A inspiradora musa do meu canto,*

*Pois que ella mesma é quem me salvaguarda,
Quem os meus passos vacillantes guia
Sob a doce visão do anjo da guarda.*

1

*Passara tantas vezes a teu lado
Sem que uma só notasse no teu rosto
O vislumbre de um vinco amargurado
Que fosse como o indício de um desgosto.*

*E' que commigo sempre te fizera,
Como outras tantas por ahi, ditosa
Onde da vida singra a aurea galera,
Por sobre as ondas, celere, vaidosa.*

*E' que eu te vendo em plena juventude,
E, o que inda é mais, aos males sempre estranha,
Por mais que ousasse duvidar não pude
Dessa estrella que os passos te acompanha.*

*E' que eu cuidára venturosa fosse
Quem era assim divinamente linda,
E em summa dona de um sorriso doce
E de um olhar muito mais doce ainda.*

*E' que eu fazia alegre a mocidade,
E ao que não diz do seu encanto alheia,
E o mais conforme os sonhos desta idade
A alma de sonhos docemente cheia.*

*Ah! mas, erguendo os olhos por acaso
Aos olhos teus quando passava um dia,
Em teu olhar de lagrimas tão raso
Li que a ventura humana é fugidia.*

*E a pouco e pouco fui me approximando
E ao pé de ti, quando me presentiste,
Inda senti em teu olhar brilhando
Uma saudosa lagrima bem triste!*

*E como o pranto os tristes aproxima
E une-os depois no mais estreito laço,
Pelo calvario da amargura acima
Eu prometti seguir-te pari-passu.*

II

*E desde então entre nós dois havia
Um comò affecto nos unificando*

*Que a minh'alma tristissima attrahia
Para a tua alma num aceno brando.*

*E eu te falei, bem como se falasse
A alguém que a minha propria dor sentisse,
E foi transparecendo em tua face
Toda a suave expressão de quanto disse.*

*E' que eu dissera aquella velha historia
De alguém que vai buscando pela vida
O mesmo rumo, a mesma trajectory
De um sonho morto ou de um'ave ferida.*

*E' que, dizendo o enredo de quem ama,
Eu desvendara alli, fibra por fibra,
Esta infinita e delicada trama
Que na grande alma das saudades vibra.*

*E era saudade o que te suppliciava
E era saudade o que tambem sentia.
E buscavas a estrella que eu buscava,
Seguindo a mesma trilha que eu seguia.*

*Achara a eterna aspiração sonhada,
Não era vão nem tudo o que soffrera,
Se tinha alli um'alma delicada
Que as minhas proprias ancias comprehendera.*

III

*Na linguagem do olhar muda e divina
Li de tua alma o delicado gesto.
Para que mais?... Se tudo nos ensina
Que um doce olhar faz um semblante honesto ?...*

*Para que mais ?... E' o circulo infinito—
Sempre um sorriso para os gosos de hoje ;
Mas amanhã repete-se convicto :
Deixa saudade tudo que nos foge.*

*Para quem ama ha lá nos céus um astro
Em que saudoso o amado ser se espelha,
E para mim um lenço preso a um mastro
Da vida humana o symbolo semelha.*

*Cubra-se sempre o coração de luto
Se a alma dos outros de martyrio é cheia ;
Que homem não é quem sempre o olhar enxuto
Trouxe cantando a desventura alheia !*

*Para que existe bocca que bajula,
Para que existe bocca que pragueja,
Si ella somente é pura quando oscúla,
Se ella somente é santa quando beija ?!...*

IV

*Basta ; quem ha que destas cousas fale
Mas sem que o labio empane-lhe a descrença,
Para o sentir carece que o embale
Uma affeição bem como a nossa, immensa.*

*Basta ; finde-se aqui meu canto triste
Antes que alguém destes meus versos ria...
Pois que a ventura para os maus consiste
Num tresloucado riso de ironia,*

*Basta ; aqui não soluce alheio pranto,
Que mancha o olhar a lagrima fingida...*

*Agasalhe-nos, pois, o eterno manto
Da humana dor, eterna e indefinida.*

*Bemdigamos a dor que nos estreita
E duas almas numa só resume,
Que a vida é ainda muito mais perfeita
Se da flor d'alma eleva-se o perfume.*

V

*Vem; has de ter, á sombra do meu braço,
Consolação á tua dor tamanha...
E seja o amor o sempiterno laço
Que pelo mundo as almas arrebanha.*

*Vê que também das maguas tive o fruto,
Nellas ha fel se inda a saudade espreme-as...
Muito soffri, também soffreste muito,
E o soffrimento faz as almas gemeas.*

*Sobre o meu peito a tua mão repousa,
Conta o pulsar do triste coração...
Não sentes que tremendo alguma cousa
Como que geme sob a tua mão?...*

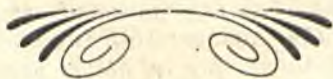
*E' o tremulo sopro do passado
Que a pouco e pouco este meu ser invade
E eu escutando o seu cantar maguado
Dou a este canto o nome de saudade.*

*Della é que data todo o nosso encanto
E é quem as nossas almas unifica,
E teve a vida no crystal do pranto
Este queixume que nos purifica.*

*E seja o pranto o balsamo dilecto
Para todas as maguas infinitas;
Que, enquanto houver no mundo a flor do affecto,
Hão de ser sempre as lagrimas bemditas.*

1906.

JOSÉ DE BARROS LIMA.





Conselheiro Joaquim Spinola

O Conselheiro Joaquim Antonio de Souza Spinola nasceu a 12 de Outubro de 1848, na cidade de Caetité, Estado da Bahia, tendo por paes o Coronel Antonio de Souza Spinola e D. Constança de Souza Spinola. Após o curso de preparatorios, feito em a cidade de S. Salvador, veio para esta capital cursar a nossa Faculdade Juridica, onde se salientou em todos os actos, bacharelando-se em 22 de Novembro de 1871.

Em Lenções iniciou a vida publica como advogado e promotor interino, até que obteve por acto de 28 de Março de 1878 a nomeação effectiva de promotor publico da comarca das Lavras, sendo nomeado a 4 de Setembro do mesmo anno juiz municipal e de orphãos do termo de Lenções, em o qual foi reconduzido e serviu até ser exonerado a seu pedido, em 1884. Nomeado juiz de direito de Caetité, em Fevereiro de 1885, d'ahi foi removido a 15 de Fevereiro de 1890 para Porto Seguro e em 1892 para S. Felix, onde assumiu o exercicio em 28 de Fevereiro do mesmo anno.

Nomeado conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista do Estado da Bahia por acto de 3 de Agosto do mesmo anno, pouco depois era eleito presidente do mesmo Tribunal, sendo confirmado por varias eleições no cargo em que a morte o surpreendeu.

Casado com D. Sizenanda Spinola, filha do Commendador G. Ferraz Moreira e D. Angelica Moreira, deixou 11 filhos.

Fundou e dirigiu por alguns annos a acreditada *Revista dos Tribunaes*, opulento repositório de artigos de jurisprudencia.

A sua morte occorreu na Bahia aos 8 de Junho deste anno, sendo o enterramento bastante concorrido e cercado de honras funebres prestadas pelo Governo do Estado, em attenção aos seus altos meritos e á elevada posição que occupava na magistratura estadual.

Ao abrir a primeira sessão após seu fallecimento, o sr. conselheiro Braulio Xavier, assumindo a presidencia do Superior Tribunal da Bahia, pronunciou sentidas phrases lamentando a perda que registava a magistratura e fazendo o elogio historico do morto.

No resumo publicado pelo *Diario de Noticias*, encontram-se as seguintes palavras do referido desembargador:

"Jamais a hypocrisia velou um acto seu, occultou um seu pensamento; a modestia sim, esta era o escrinio que guardava com carinho maternal a correção de sua vida.

"Vida dedicada ao cumprimento do dever; rigorosamente correcto, será difficil escurecer a evidencia dos factos e empanar o brilho dos mais relevantes serviços prestados ao culto do direito, que é o alicerce, a columna e o firmamento das liberdades.

"O elogio maior que se pode fazer ao pranteado morto é dizer-se com rigorosa justiça o que elle foi."

"Sua vida academica ainda é hoje lembrada por quantos foram seus contemporaneos e, como não o seria? se ella foi sem solução de continuidade uma recta segura desde o inicio ao termo do tirocinio. Uma projecção de luz poderosa lhe illuminava em toda a extensão a superficie cheia de sinuosidades, de paues e de escombros que serve de leito á mocidade. Elle conhecia de longe tudo isto e de longe evitava os tropeços que muitas vezes produzem verdadeiras quedas.

"Jamais lhe attrahiram os prazeres dessa época; entre os livros e os mestres passou aquelles longos dias sem sequer ter perdido uma só aula.

"Nunca o ponto existiu para elle!

"Joaquim Spinola foi um estudante exemplar e, como a vida publica é sempre uma continuação, um complemento daquella que lhe serviu de alicerce, elle a atravessou sobre o mesmo trilho, do qual nunca se desviou.

"Sempre correcto, sempre justo, sempre bom."

Eis em pallidos traços os dados biographicos do magistrado modelo e do chefe de familia exemplarissimo que foi em vida o desembargador Joaquim Antonio de Souza Spinola.

A missão politica de Pernambuco

CONFERENCIA CIVICA PROMOVIDA PELA OFFICINA LITERARIA
MARTINS JUNIOR, REALISADA NO DIA 10
DE NOVEMBRO DE 1904.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

O dia de hoje, por ser uma data celebre nos annaes pernambucanos, não deixa de acordar em meu espirito a magua de uma saudade, pois relembra a hora triste, em que vi seguir o caminho lobrego do Campo Santo, acompanhado pelo ruido pungitivo dos amigos, o corpo de um ente querido e venerado. (a)

Mas não é para vos falar de soffrimentos intimos que vos solicito a attenção. Estas emoções vêm á tona do espirito e se desfazem no ambito do lar.

A *missão politica de Pernambuco*, segundo a supponho descobrir no conjuncto de sua evolução historica, eis o objecto que venho propor á vossa

(a) O desembargador José Manuel de Freitas, fallecido a 10 de Novembro de 1887.

meditação. Um appello aos vossos impulsos patrioticos, afim de que o futuro não descumpra as promessas do passado, eis a que se resume a minha conferencia.

.

Si applicassemos ás investigações da historia patria o processo de psychologia social aprofundado, como aconselha ORTO HINZE com applausos de XENOPOL (1), não teriamos certamente, com uma evolução politica de quatro seculos apenas, tantos acontecimentos mal comprehendidos em suas causas determinantes e nas suas repercussões pela vida futura do povo.

Esse mesmo levante, que a data de hoje recorda e do qual os nossos sentimentos patrioticos fazem a peanha onde assenta a figura mascula e rigida de Bernardo Vieira de Mello, está mal definido em nossos livros de historia. Temos consciencia do seu valor na constituição de nossa nacionalidade, por uma intuição que é como que o reflexo da grande alma collectiva no sensorio de cada um de nós ; mas ainda não soubemos extrahir, dos documentos colligidos, toda a verdade historica.

Aos profissionaes, aos investigadores pacientes e sagazes que, felizmente, não escasseiam em Pernambuco, incumbe essa tarefa a que se não podem recusar, pois lh'o veda o amor da terra fecunda onde receberam as primeiras caricias maternas.

Digam elles afinal, sem eiva de preconceitos com a serenidade imperturbavel que convem aos que trazem, ao proscenio da vida, os factos e os

1 (1) *Rivista italiana de sociologia*, 1904, pag. 418, em artigo sob o titulo de *sociologia e storia*.

homens do passado, qual a significação historica e qual o alcance dynamico-social dessa *guerra dos mascates*, que já offereceu thema a dois bellos exemplares de nossa literatura de ficção, um de ALENCAR, o artista incomparavel, em cuja palheta as cores do iris adquiriam os matizes mais suaves, e outro de FRANKLN TAVORA, que preferia mergulhar fundo na alma popular, para sentir-lhe os estos e os impulsos.

Digam elles si se travou a lucta sangrenta entre os parciaes de Olinda e os sectarios do Recife, por mesquinhas questões economicas entre credores usurarios e devedores demasiado lentos no saldar as suas contas ; si por ambições desregradas de mando e poderio ; si por ter assumido a feição de odio á raça dominadora o nativismo que emergira das luctas com o hollandez, pompeando arrogancias ; si porque as injustiças e o menoscabo dos depositarios do poder irritaram sobreposse os animos briosos dos valentes pernambucanos ; si porque o estado social se transformára, creando, com o desenvolvimento da industria e do commercio, uma classe que vinha disputar preponderancia politica aos senhores de engenho, aos proprietarios territoriaes.

Eu, por mim, quero apenas pedir inspiração á intimativa audaciosa que a tradição attribue a Bernardo Vieira de Mello que, a 10 de Novembro de 1710, fazia retumbar, no salão do concelho municipal de Olinda, a palavra aterrorizante então de REPUBLICA, pretendendo com ella significar uma forma de governo sem rei, e não simples e anodynamente administração dos negocios da collectividade.

Pernambuco adquirira, na porfiada lucta com

os holandeses, um sentimento novo que havia de ser o estímulo dos seus actos gloriosos através da historia brasileira, onde é preciso abrir-lhe um espaço distincto, aureolado com os fulgores do heroismo : —o sentimento de patria, a consciencia ainda crepuscular e obscura, si quizerem, mas real, de que aqui, nesta nesga de terra americana, o amalgame das raças e o influxo modificador do meio kosmico haviam gerado um povo radicado ao solo pelos vinculos fortissimos das dores e dos gozos, das luctas e das conquistas ; pelo encanto das tradições que se iam formando ; por essa penetração intima e reciproca do homem e da natureza que nos dá enternecimentos deliciosos diante dos montes que recortam o horisonte de nossa patria, dos rios que lhe fecundam o seio e do mar que lhe murmura aos pés uma rude canção infindavel ; e até pelas idéas que, encontrando cerebros onde se aninhar, iam tomando uma accentuação especial.

O animo dos colonos affeitos aos combates não sabia soffrer as contrariedades da vida social, quando revestiam a forma de injustiças e espesinhamentos reaes ou suppostos, e, considerando-se com energia sufficiente para viver por si, vislumbrou no espaço a figura austera e luminosa da REPUBLICA.

Admiravel e significativa coincidencia, que já tem sido notada, mas que merece ainda a nossa reflexão :—Quando no Brasil de outr'ora um fremito de revolta contra a rudeza do despotismo percorria o organismo social, os olhares se voltavam quasi sempre, instinctivamente, para a REPUBLICA, como que a preparar-lhe o advento em nossos dias.

E' a REPUBLICA o sonho dos olindenses em 1710 ; é a REPUBLICA a miragem que, no cimo das

cordilheiras brumosas de Minas Geraes, divisam os poetas da inconfidencia. Emergindo do oceano, banhada nos raios do sol nascente, traz na fronte augusta o barrete phrygio a liberdade que sorri melancholicamente aos impollutos heroes de 1817 e 1824. E' ainda a REPUBLICA a bandeira que desfraldam os *farrapos* indomaveis.

Por certo não devemos lamentar que o governo republicano se não tivesse implantado em nosso paiz, quando o solicitavam essas tentativas locais.

A republica seria, então, o fraccionamento do territorio que, geographicamente, offerece espaço onde se abriguem nações diferentes, ou sejam as regiões destacadas por ELYSEU RÉCLUS, ou sejam as que uma observação criteriosa da climatologia e da historia poderia mais fundadamente apontar. E nós queremos uma grande patria unida e forte:—com as opulencias portentosas da Amasonia, onde o presente está esboçando, em traços nervosos, o quadro grandioso de uma civilização industrial e mercantil das mais brilhantes; com a fina intellectualidade do Maranhão, a patria virtuosa de JOÃO LISBOA e GONÇALVES DIAS; a energia pacifica e as inquebrantaveis faculdades de trabalho do cearense, o factor principal do engrandecimento economico da Amasonia; a chamma sagrada do patriotismo liberalizante que a tradição, vestal incorruptivel, alimenta no coração dos pernambucanos; a eloquencia tribunicia, a capacidade politica e a lhaneza flexuosa dos bahianos, qualidades que adjudicaram á sua terra o epitheto de Virginia brasileira (2); a lar-

(2) JOAQUIM NABUCO, *Um estadista do Imperio*, I, p. 1. A' pagina 3 do mesmo livro depara-se esta phrase, que confirma a observação referente aos filhos da Bahia: "Os estadistas bahianos



gueza d'auimo do fluminense ; a vivacidade carioca ; a indole aventureosa e progressista dos paulistanos que, depois de explorar os sertões bravios nos tempos coloniaes creando uma sub-raça de que se occuparam naturalistas como QUATREFAGES (3), estão sobredourando a sua terra querida com as custosas galas e os mais apurados requintes da civilização occidental ; o espirito tradicionalista, ao mesmo tempo austero e liberal, benevolo e sagaz do mineiro, que tem a arte encantadora de extrahir, do cerebro e do coração, joias mais preciosas do que as que se escondem no seio rochoso de suas serranias ; o brio marcial do rio-grandense disciplinado pela eschola severa de CASTILHOS ; todas as faculdades de espirito e todas as forças naturaes que se accumulam nos diversos Estados da União Brasileira, no Piauihy, em Alagoas, em Sergipe, no Paraná, em todos elles.

A monarchia teve essa alta função sociergica (4) de conservar presas pelo mesmo laço governamental e administrativo os diversos nucleos de população do paiz, até que se esclarecesse e consolidasse a consciencia da unidade ethnica e politica do povo brasileiro e se tornasse possivel deixar que a variedade das aptidões se expandisse livremente,

possuiam em grão superior a todos os outros a adaptação prompta, a flexibilidade impessoal, que constitue o temperamento politico. "

(3) QUATREFAGES, *L'espèce humaine*, pag. 209-210 :— Cette population a fait preuve d'initiative à tous égards. Si elle a marqué jadis par des expéditions aventureuses ayant pour but la conquête de l'or ou l'enlèvement des esclaves, elle fut aussi la première qui, au Brésil, planta la canne à sucre et éleva d'immenses troupeaux. Aujourd'hui, nous dit M. F. Denis, le plus heureux développement moral comme le mouvement intellectuel le plus remarquable paraissent appartenir à Saint-Paul.

(4) LITTRÉ chamou *sociergia* a parte da sociologia que tracta da dynamia de conservação das forças sociaes. Veja-se BOURDEAU, *Education Positive*, pag. 151-156.

sob a garantia tutelar do governo republicano federativo, que estabelece a convergencia dos esforços sem estancar-lhes a espontaneidade e a energia nativa.

Para nós, esta é a forma definitiva de governo, porque corresponde á nossa situação geographica, ás aspirações que se desprendem de nossa historia e ás demonstrações da sciencia social.

Sem duvida o momento presente geme as dores de uma tortura economica difficil de debellar, e se dóe dos erros politicos que têm maculado o amicto alviniente da REPUBLICA. Mas não supponhaes que esses desvios que vos desagradam, essas irregularidades, que vos irritam por se vos afigurarem dolorosas decepções, sejam consequencias da forma de governo que adoptámos.

O presente é normalmente inferior ao futuro e parece, muitas vezes, menos digno do que o passado. No emtanto é o presente uma consequencia do passado e a causa geradora do futuro.

Vêde o Brasil de 1710, quando Bernardo Vieira de Mello, si é verdadeira a phrase que lhe attribuem, propunha aos pernambucanos que ou se governassem por si como nação independente ou, si não tivessem ainda capacidade para tanto, se entregassem aos «polidos e guerreiros francezes», comtanto que não se submettessem «aos grosseiros, malcreados e ingrattissimos mascates», e dizei-me si no dominio economico, social e literario, o progresso não se realizou seguro e visivel, através destes dous seculos que em breve se completarão.

Houve ondulações na linha que descreve essa marcha evolutiva do povo brasileiro, annos prospe-

ros succedidos por epochas de penuria, dias radiosos sobresahiudo de entre sombras e dores, mas a espiral ia desenvolvendo sempre as suas amplas curvas, em ascensão constante para a luz, para o ideal, para a região onde o amor floresce e o trabalho fructifica! Basta olhar para ver.

Eu sei que a fé anda amortecida em muitas almas valorosas, a quem a direcção dos negocios publicos parece está por completo divorciada dos preceitos da justiça e das injuncções da moral. Mas esse pessimismo deliquesciente que desfibra as energias de tantos caracteres não nos deve illudir. Symptoma de um estado social que ainda não pode coordenar as suas forças para oriental-as synergicamente, é sobretudo esse pessimismo a expressão psychica de um estado morbido em que o individuo se debate entre a visão dos males que o cercam e a convicção, muitas vezes falsa, de que não ha como oppor-lhes barreira.

Volvi a attenção para a historia, consultae os documentos das epochas que se succedem e reconheceris que essas verberações pungitivas dos incontentaveis, dos maledicentès, dos irritados são de todos os tempos e, si por ellas aferissemos o desenvolvimento intellectual e moral dos povos, não passaria este de um desabar constante de idéas, principios e instituições, como si o mundo fosse um conflagrado pandemonio miltoneano.

Já uma vez SYLVIO ROMERO leu, perante a Camara dos deputados federaes, uma pagina de frei VICENTE DO SALVADOR, escripta em 1627, que pareceria um trecho de artigo ou discurso feito em nossos dias, si não fosse o estylo onde se estampa

o cunho da epocha. Quereis ouvir-lhe algumas phrases? Aqui as tendes. Indignado o bom frade contra a mudança feita do nome do paiz, de terra de Santa Cruz para Estado Brasil, exclama: «ficou elle tão pouco estavel que, ainda não havendo hoje cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, *já se hão despovoado alguns logares* e sendo a terra tão grande e tão fértil, como adeante veremos, *nem por isso vai em augmento, antes em diminuição.*»

«Disto dão alguns a culpa aos reys de Portugal, continua frei VICENTE DO SALVADOR, outros aos povoadores; aos reys *pelo pouco caso que hão feito* deste tão grande Estado... e deste mesmo modo se hão os povoadores, os quaes, por mais arraigados que na terra estejam, e mais ricos que sejam, tudo pretendem levar para Portugal... e isto não têm só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufructuarios, só para a desfructarem e deixarem destruida.» (5)

Eis ahí o Brasil arruinado e morto no momento mesmo em que se lançavam os alicerces da sua colonização.

Lêde a historia, lêde-a acuradamente e vereis que as mesmas preocupações se reproduzem em todos os tempos; estuda-e-a com amor, nutri-vos com o seu ensino, fazei della a principal educadora de vosso espirito e não vos impressionarão mais essas ejaculações do pessimismo loquaz. Sabereis ver nel-

(5) SYLVIO ROMERO, *Discursos*, pags. 91-92. E' uma bella e proveitosa lição todo o discurso que me forneceu esta citação. Daqui o recommendo á leitura dos que meditam sobre a marcha dos acontecimentos historicos e sobre as expansões da psychologia humana.

las, com segurança e criterio, o que é repercussão natural dos erros condemnaveis dos homens e o que não passa de um ruido de palavras injustas, excessivamente rigorosas ou insignificantes na sua superficialidade.

Si ha no presente amarguras, e ninguém as nega, tenhamos firmeza d'animo para supportal-as e vencel-as, preparando melhores dias com o nosso esforço, com o nosso trabalho, com a nossa resistencia inflexivel na defesa dos direitos que a lei nos assegura. E si a crise que nos acabrunha fosse principalmente do character, como assoalham alguns, ainda era tempo de arrancarmos, das proprias fontes do nosso ser, toda a força de reacção que nos restasse, para impedir que a dissolução, no seu impeto devastador, tudo levasse de rastro.

Mas não; o que existe é um mal estar economico que perturba a vida social e é certa falta de confiança nos homens que dirigem o paiz, porque não poucos têm sacrificado interesses sociaes ou direitos individuaes.

Mas porque não remediaremos esses males pelas nossas proprias mãos? A crise economica, aliás já em declinio e deixando espartar em diversos Estados o sorriso alviçareiro da prosperidade, será dominada pelas energias productoras do paiz e pela bôa direcção da fortuna particular.

Os desacertos politicos diminuirão, desde que os homens bons formarem a liga de resistencia contra os que compromettem o futuro do paiz: resistencia da moralidade, resistencia do decôro, resistencia da insubmissão, resistencia do desprezo, resistencia seleccionadora dos capazes e repulsiva dos prejudiciaes.

Tenhamos fé e trabalhemos ! O Brasil tem que desempenhar uma gloriosa missão de paz pela liberdade e pelo direito.

Em um futuro, que não pode estar muito distanciado e que virá tanto mais cedo quanto mais dignos d'elle nos mostrarmos, as nações do globo se hão de distinguir não por suas armadas poderosas, nem por seus exercitos colossaes, absorvendo umas e outros as primicias do honrado labor dos que lavram os campos e dos que mourejam nas fabricas; retirando umas e outros, das industrias, das artes e das sciencias, uma porção consideravel de força muscular e intellectual ; ameaçando umas e outros afogar a terra numa enorme hecatombe em que se subverta esta vasta e complicada engrenagem da civilização, trabalho lento dos seculos, criação prodigiosa da pertinacia dos tempos. Nem mesmo por suas riquezas accumuladas somente nem exclusivamente por seu progresso material, se distinguirão os povos. As riquezas, o conforto que offerecem as industrias e o commercio são meios, são instrumentos, são condições e não fins superiores a que se destinem os mais elevados esforços da humanidade, que para elles se eleve como um tumultuoso mar profundo, que se levante de seus fundamentos chamado pela atracção irresistivel dos astros.

Os padrões de gloria com que se hão de ensoberbecer as nações no futuro, serão o culto da liberdade, tanto dos individuos quanto dos outros povos mais fracos, e o respeito ao direito, sob todas as suas formas :—na familia e na sociedade, nas relações individuaes e nas relações politicas, na vida particular e na ordem internacional.

Toda essa perturbação moral creada pelo egois-

mo aspero dos individuos no curso da existencia commun e pelo truculento egoismo dos povos que se invejam, se odeiam, se desprezam, se entredevoram, ha de dissipar-se como uma tempestade que passou retorcendo as arvores ramosas da floresta e os frageis caniços do campo, e a obra da cultura humana se ha de ostentar mais pura e mais bella, rutilando como um sol.

E' para esse ideal que devemos marchar, para elle é que seguimos, apesar das tortuosidades do caminho que vae abrindo a nossa inexperiencia e apesar das vacillações da nossa fraqueza.

Entre as nações irmãs, o Brasil está fadado a ser temperamento ás expansões imperialistas e incentivo ao proseguimento do ideal de justiça e liberdade.

E ha de ser notavel a parte com que Pernambuco ha de contribuir para que o Brasil alcance e mantenha o posto que lhe assignalam as condições historicas e geographicas. Atirem de si os pernambucanos o desalento que lhes tolhe a expansão da actividade livre, e ponham-se resolutamente a cooperar para a realização desse alto destino commun.

Aqui, como observa CAPISTRANO DE ABREU, foi o centro de onde partiu a evolução literaria brasileira, com os trabalhos de frei FRANCISCO DO ROSARIO, de JORGE DE ALBUQUERQUE, do autor dos *Dialogos* e de BENTO TEIXEIRA PINTO ;

Aqui primeiro floriram as idéas de uma philosophia fundada na observação dos phenomenos da natureza com o positivismo e o evolucionismo, segundo proclamou SYLVIO ROMERO, que foi parte grande' nesse movimento ;

Aqui surgiu, com a campanha desenvolvida

por TOBIAS BARRETTO, a renovação do pensamento juridico;

Aqui se travou a pugna mais demorada e mais forte para a restauração da integridade territorial e politica do paiz, onde os batavos haviam entrado como conquistadores, e, pela primeira vez, o povo affirmou a sua existencia organica, sabendo querer e agir, mesmo quando os seus guias tergiversavam e faziam concessões;

Aqui reboou o primeiro grito de liberdade politica encarnada na REPUBLICA, nesse memoravel dia que hoje recordamos, grito que, reproduzido tantas vezes pelos annos adeante, formou essa bellissima epopéa da liberdade escripta em Pernambuco, em estrophes sangrentas pelo martyrio de seus filhos, em hymnos ardentes onde se expande a sua nobre alma argamassada com a bravura portugueza, a independencia dos selvicolas e talvez a constancia e o amor á liberdade dos hollandezes (6);

Aqui se levantou uma galeria de patriotas, representando as aspirações do grupo social, personificando a vontade anonyma ou abstracta da collectividade, como difficilmente se encontra igual em outra parte do Brasil, e no regaço da qual fulge agora o nome que serve de lábaro ao grupo aguerrido que veio trazer o seu contingente de boa vontade em prol da reconstrucção moral e literaria do paiz,—
MARTINS JUNIOR.

Todos esses factos e circumstancias têm uma

(6) ARTHUR ORLANDO, *Ensaio de critica*, pag. 391: "A infiltração do pensamento livre dos hollandezes através do character nobre dos portuguezes, se pode dizer, é a explicação desses extraordinarios acontecimentos que constituem a arca santa das gloriosas tradições de Pernambuco."

significação historica bem patente ; como a tem essa hegemonia de Pernambuco sobre as populações do norte do Brasil, hegemonia que começou a se esboçar no seculo XVI e que, em nossos dias, si desapareceu na ordem politica, foi para accentuar-se na intellectual. Todos esses factos e circumstancias indicam a evolução de um pensamento que anima a historia e lhe dá um sentido ; são phases de uma elaboração que surge das obscuridades iniciaes da vida social de Pernambuco e vêm subindo, para a luz, crescendo para a realização.

Creio poder interpretar esse pensamento ainda indeciso, esse enigma dos factos, vendo nelle o indício de que a Pernambuco está reservada a tarefa nobilissima de robustecer o sentimento de liberdade pela qual se sacrificaram denodadamente os seus heroes, desde 1710 até 1904, liberdade que perdeu a sua braveza primitiva pela edulcoração da bondade e pela disciplina do direito.

Tenhamos fé e trabalhemos, para que, no momento opportuno, não falte o povo pernambucano com a sua parte na grande obra nacional e humana que o Brasil tem de executar.

Em sociologia, disse BRESSON, não se trata de previsões exactas e particularizadas dos acontecimentos futuros, mas de determinar as tendencias e as leis geraes da evolução.»

Estou, portanto, dentro dos limites de uma indução baseada, procurando extrahir, da obscuridade dos factos, a linha das tendencias reveladas pela historia de Pernambuco. «Preparou-o a natureza para um formoso fado, escreveu OLIVEIRA LIMA (7); riva-

(7) OLIVEIRA LIMA, *Pernambuco e seu desenvolvimento historico*, Leipzig, 1895, pag. 315.

lizaram os successos bellicos e os eventos liberaes em circumdal-o de uma aureola seductora e sympathica; esmerou-se a fortuna em dispensar-lhe os seus dons mais graciosos, si bem que nem sempre solicitados».

Tenhamos fé e trabalhemos.

A desconfiança de que nos estamos afundando no tremedal de uma decadencia irremediavel é o nosso mal mais profundo porque nos dissolve as energias e nos impossibilita de tentar os empreendimentos salvadores. Não acreditemos nas palavras desolantes desse preconceito.

Como não ha muito dizia MARPILERO, «si a sociedade influe sobre os elementos que a compõem, estes, por sua vez, podem reagir e imprimir á sociedade o movimento mais apropriado á conservação physica e moral do individuo e da especie.» (8)

Até onde pôde ir a acção do individuo sobre a sociedade não importa agora verificar; basta saber que ella existe e que, tendo deante de si um alto fim commum para nortear as suas acções, o homem se constitue uma força prodigiosa na sua mesma pequenez, porque transforma o seu character, modifica a orientação da vida dos seus, actúa sobre as

(8) *La presteza decadenza della società contemporanea*, na *Rivista italiana de sociologia*, 1904, pag. 439. Este escriptor cita palavras de SIGHELE, DE AMICIS, MAX NORDAU em que a impressão que se procura transmittir é a que daria o espectáculo de um mundo em liquidação.

SIGHELE pensa que o futuro nos promette *il regno della folla*. DE AMICIS presente alguma cousa de grande e fatal. NORDAU afirma que *vacilla e cæe quanto existe*, prenunciando a ruina universal. Mas não são somente os modernos que têm a visão perturbada pelo preconceito pessimista. No tempo de SALUSTIO, lembra o mesmo escriptor, denominaram-se os antepassados *religiosissimi mortales* e aos contemporaneos *ignavissimi homines*.

gerações futuras e facilita o advento dos bons principios pelos quaes se bate.

Si, como eu julgo ler no evoluir da historia patria, a Pernambuco foi distribuida a missão de elaborar no Brasil o sentimento da liberdade politica, tenhamos os olhos fitos nesse alvo, avancemos para elle, seguros e confiantes, trabalhando mais rijo quando mais nos parecer que o grupo social se desvia do seu norte.

Sejam os pernambucanos dignos de seus antepassados e façam mais suave a tarefa, ainda assim fragosa, dos que hão de vir.

CLOVIS BEVILAQUA.





Regueira Costa

O Doutor João Baptista Regueira Costa nasceu nesta capital a 24 de Junho de 1845, do consorcio do Desembargador José Nicolau Regueira Costa e D. Josepha de Menezes Vasconcellos de Drummond Costa.

Começou o seu curso de humanidades na Cidade de Desterro, hoje Florianopolis, continuou-o em a Capital Parahybana e o concluiu nesta Cidade, em cuja Faculdade se matriculou em 1865.

Na Faculdade teve Regueira Costa por collegas de anno TOBIAS BARRETTO, os mallogrados poetas CASTRO ALVES e GUIMARÃES JUNIOR e o distincto critico ARARIPE JUNIOR, com os dois ultimos dos quaes collaborou no *Correio Pernambucano*, de propriedade do hoje diplomata DR. HENRIQUE MAMEDE LINS DE ALMEIDA.

Foi contemporaneo do illustre Dr. RUY BARBOZA com quem fun-

dou, em 1867, e a convite do seu collega e dilecto amigo CASTRO ALVES, uma sociedade abolicionista em cujo seio existiu o mavioso poeta PLINIO DE LIMA.

A 4 de Novembro de 1869 recebeu a laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes e em 23 de Junho de 1871, ligou o seu ao destino da distincta matrona D. Maria Isabel Ramos Brandão.

Em 1874 foi nomeado Juiz substituto da comarca de Jaboatão, então recentemente creada, só tendo assumido o exercicio a 9 de Agosto do anno seguinte.

Antes, porém, havia occupado interinamente o cargo de Inspector Geral da Instrucção Publica.

Completado o quadriennio em 1879, fixou sua residencia nesta cidade, onde se dedicou ao magisterio particular.

Depois, occupou successivamente os cargos de membro effectivo do Conselho Literario (1880); lente da 1.^a cadeira de latim do Gymnasio Pernambucano, interinamente (1881); professor da cadeira de Historia e Chorographia do Brasil (1892) de que foi transferido para a 1.^a da lingua franceza (1890); Regedor do mesmo Instituto (1893) e Inspector Geral da Instrucção Publica, interinamente (1899, 1900 e 1902).

Em 4 de Abril de 1904 foi jubilado com todos os vencimentos na cadeira que, com rara competencia, occupava.

Na politica foi fugaz a sua passagem.

Conseguiu ser eleito Senador do Estado na vaga aberta pelo fallecimento do Visconde de Tabatinga, tendo exercido o cargo de 2.^o Secretario daquela corporação e feito sempre parte da commissão de Instrucção publica e redacção de leis.

No exercicio interino do cargo de Inspector Geral da Instrucção Publica que, por 4 vezes, lhe foi confiado, organizou e publicou *Regimentos internos das Escolas Publicas*, *diversas Instrucções e Programmas* e fundou em 1889 a *Revista da Instrucção Publica*.

Exerce o cargo de Presidente do Instituto Archeologico, onde tem lido diversos trabalhos originaes e traduzidos que interessam á historia de Pernambuco.

Relevantes têm sido os serviços prestados á causa da Instrucção na Sociedade Propagadora da Instrucção Publica, de cujo Conselho Superior faz parte como Presidente. Nesse character propoz a creação de uma Escola de Pharmacia que por elle foi solemnemente inaugurada a 10 de Maio de 1903.

Membro fundador da Academia Pernambucana de Letras, occupa nesse brilhante cenaculo o lugar de Secretario Perpetuo e a cadeira de que é patrono Maciel Monteiro.

E' autor de grande copia de obras já publicadas e ineditas. Das primeiras são as principaes: *Flores transplantadas* (volume de traducções de poesias dos mais celebres poetas estrangeiros); *Nova selecta classica*; *Eglogas de Virgilio* (versão em alexandrinos rimados dois a dois); *Contos Moraes de Haiber* para escolas (traducção); *A Lyrica de Maciel Monteiro*,

Nossos quadros e nossos pintores



Patria.

cultivo das artes liberaes, parecendo exclusivamente um recreio para o nosso espirito, contribue de um modo muito directo para a elevação do homem na vida social.

Muitos amadores, que applicam suas actividades em occupações differentes, têm descoberto nesse cultivo um campo mais apropriado á expansão de seus talentos, e chegam a ser, patrocinados pela Arte, que os inspira, vultos immortaes e ornamentos bellissimos de sua

ANTONIO SOLARÍO, *il zingaro*, um caldeireiro mediocre, a quem o pintor FIORE recusara por isso a mão de sua filha, fez-se tambem pintor, e tão celebre ou mais do que o pae de sua predilecta, e este não se negou a ser sogro de um collega distincto, como anteriormente o fizera ao trivial artifice.

O ourives FRANCISCO DE FRANCIA, que por muito tempo trabalhara em gravura de medalhas, resolveu aos quarenta annos de idade praticar o desenho em suas horas vagas, passando logo depois a sorprehender seus patricios, que o acclamaram fundador da escola de Bolonha, muito seguida por diversos artistas.

Foi portanto numa hora de diversão que o modesto operario FRANCIA AURIFEX viu essa musa louira e generosa que collocou uma aureola na frente de FRANCIA PICTOR, querido e respeitado na velhice pelo genio fecundo de Raphael.

A Pintura não é incompativel com outras habilidades, nem mesmo com as profissões scientificas e literarias, e até, na opinião de Victor Hugo, "o desenho é a lei primaria de toda a arte".

Comparado com a Musica, elle representa a melodia na pintura, enquanto a côr é a parte harmoniosa dos quadros, segundo se depreheende de um pensamento de Theophilo Gauthier.

Entendem-se bem o pintor, o musico e o poeta, porque qualquer um delles pode fazer falar a alma do outro.

O pintor francez DUFRESNOY compoz um poema em latim sobre a pintura, e SALVADOR ROSA desenvolveu essas tres aptidões.

A Pintura desperta descrições poeticas e pode representar as impressões harmoniosas dos grandes maestros; CARL ROLLING desenhou muitos quadros inspirando-se em musicas celebres, e retratou os primeiros amores de Mozart, quando este acompanhava ao piano uma canção sentimental de sua prima Aloysia Weber.

Na escola de Florença, PISANELLO foi pintor gravador e architecto, e o principe dessa escola, o inesquecivel MIGUEL ANGELO, era, alem disso, esculptor e mavioso poeta.

ANDRÉ VERROCHIO, que em seu tempo sabia burilar sem competencia custosas figuras de bronze, era notavel musicista e teve a gloria de leccionar pintura ao gracioso PERUGINO, autor do *Casamento da Virgem*, e ao grande pensador LEONARDO DE VINCI, "engenheiro que baseou o estudo do desenho sobre o das mathematicas, da perspectiva, da optica e da anatomia". Como se sabe, este privilegiado fôra tambem cultor das Musas, produzindo lindissimos sonetos; literato e insigne mestre, que nos deixou um "Tratado da Pintura," ainda hoje compulsado com real proveito.

RODOLPHO TOEPPFER, que conseguiu agradar aos seus contemporaneos com as interessantes "Novellas Genovezas" e as "Viagens em Zig-zag", juntando a estas alguns esboços em que se revelava o seu espirito fino, dizia que "o desenho era o melhor modo de produzir a impressão do bello."

EUGENIO FROMENTIN, correcto paizagista de trechos orientaes, dedicava-se ás letras com assiduidade, e, alem de outras muitas lucubrações, publicou um romance de costumes nitidamente descriptos.

E' possivel mesmo que o festejado publicista devesse as bellezas do seu estylo florido ao constante exercicio do desenho.

Querendo externar-se uma vez um dos nossos talentosos professores de figuras e de ornatos, sobre um discurso que muito o agradara, disse aos ouvintes que se achavam ao seu lado, quando

o orador desceu da tribuna: "*Muito bem! Aquelle eu garanto que sabe desenhar.*"

Transparece naturalmente um pouco de amor proprio no conceito proferido, e eu bem sei que o discurso está julgado com alguma benevolencia, mas o orador fôra verdadeiro, e a alma do artista não se olvida "*que rien n'est beau que le vrai,*" desde o tempo de Platão, que definia o bello—o esplendor do verdadeiro.



O almoço arabe

O adoravel pintor historico da *Batalha do Avahy*, o nosso PEDRO AMERICO, doutor em sciencias naturaes, botanico, philosopho e romancista, que harmonizava esses dotes com o talento extraordinario de modelar formas perfeitas, era cumulativamente um orador verboso e illustrado.

O ensino do desenho não será o sufficiente para instruir um espirito, mas é um grande amenizador do estylo de qualquer artista mesmo da penna ou da palavra, e desperta em toda pessoa que se quer civilizar—o sentimento do bom gosto e o puro amor contemplativo, que é um grande adorno do coração humano,

Não é sem razão de ser que, no curso do Bacharelado em Letras, o desenho acompanha o estudo de todas as disciplinas até o quarto anno.

No Brasil a vocação para a pintura augmenta nos estados do sul, sendo muito expressivas as musicas publicadas pelos compositores do Norte, embora se possa oppôr que alli tenha surgido Carlos Gomes e aqui PEDRO AMÉRICO.

A Academia de Bellas Artes no Rio de Janeiro tem grandemente concorrido para esse desideratum, e Pernambuco poderia accentuar uma escola nortista, que me parece iniciada com vantagem por JERONYMO TELLES e por THEODORO BRAGA, Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes, mandado a Europa como pensionista do Governo, com o fim de estudar a pintura na França e na Italia, em vista de sua grande vocação revelada na Capital Federal, e a quem já se referiu a "A Cultura Academica" em artigo especial.

O Lyceu de Artes, aqui no Recife, emprega todo o esforço para converter em realidade essa justa aspiração, mantendo uma aula de desenho bastante frequentada.

Promove de vez em quando uma pequena exposição, e alcançaria victoria completa se contasse com a iniciativa de todos os intellectuaes pernambucanos.

O Lyceu tem adquirido para os seus principaes salões varios quadros de valor. Possui fidelissimas copias: da *Natividade e Rapto de Galatêa*, de CORREGIO; da *Transfiguração*, de RAPHAEL; da *Fuga de Europa*, de PAULO VERONEZE; da *Judith*, da *Herodias* e da *Stella Matutina*, de RUDEL; *Uma Paizagem*, de HARLOR; *Jacob e Rachel*, de GEORGINE; e outras, sem esquecer duas telas originaes e magnificas do nosso patricio ARSENIO SILVA: o *S. Vicente de Paulo* entre creanças, parecendo interrogar a uma Irmã de Caridade si nada faltava aos innocentes orphãos, e com o olhar constrangido de quem tem a certeza amargurada de que tudo lhes falta, desde que para sempre perderam os carinhos maternos, e *S. Francisco de Sales*, aconselhando a alguém que o escuta com a maior submissão de um crente fervoroso.

ARSENIO celebrou-se com *A Cachoeira de Paulo Affonso*, e occupava-se nos ultimos annos de sua vida em pintar *gouaches* pequeninas no Rio de Janeiro, fazendo pagar pelas encomendas um preço elevadissimo.

O amador de Bellas Artes é sempre um individuo propenso á pratica do bem, e em geral muito franco: ainda quando se não exerce na Arte, produzindo as impressões que sente, é um amigo agradecido aos outros, que empregaram seu esforço para despertar-lhe na alma agradaveis emoções.

Residem nesta capital amadores intelligentes, que demonstram gosto esthetico, adornando suas salas com pinturas finissimas em telas enmolduradas.

O Dr. Constancio Pontual, provector clinico e illustrado lente da nossa Faculdade de Direito, entre muitas admiraveis, ostenta: *O Almoço Árabe*, de PEDRO AMÉRICO, onde foi imitado com talento raro o tecido de um turbante de seda de Damasco, uma espiga de milho cosido e uma tigellinha de café, destinadas a deliciar a senhorita

sympathica e robusta, que inspirou tão grande triumpho a um brasileiro tão digno ; *Domingo no Campo*, paizagem de lindo ceu, animada por uma briga de gallos, vista ao longe e assignada por Telles Junior ; *A Tourada*, de LIZCANO, com um colorido forte, inherente a certos pintores espanhoes ; *Retirada de Agar* da casa de Abrahão, copia de SCHRAM do quadro de VAN DER WERF ; *Dois Cães de Raça*, feitos por D. Beatriz de Miranda, especialista em miniaturas.



Mãe feliz

O Dr. Barretto Sampaio, espirito esclarecido e coração magnanimo, tem as paredes de sua residencia e algumas do consultorio repletas de trabalhos a oleo, de *Riguini*, *Bernardelli*, de pintores de alem-mar, que aqui estiveram, e de artistas brasileiros, capazes de honrar o nosso nome em qualquer parte do mundo.

Em sua galeria de quasi trescentos quadros o Dr. Sampaio tem : De PEDRO AMERICO, *O Primeiro Encontro* da mallograda Ignez de Castro com o seu regio amante ; De DANIEL BERARD : *Uma*

Japoneza, vestida em trajes de gala, trabalhada com o vigor das côres vivas e um toque de luz felicíssimo, brilhando sobre um rico reposteiro de velludo carmezim ; *Uma Turca*, optimamente desenhada, em busto admiravel pela harmonia das côres ; *Ophelia*, *fac simile* de uma creatura tão venusta, que serviu de modelo a diversos pintores francezes, que fizeram madonas de belleza peregrina; *A Mãe Feliz*, um retrato da Exm.^a Senr.^a D. Maria Sampaio com a filhinha de quatro annos ao collo, em tamanho natural, e com aquella constante physionomia prazenteira, que é a maior felicidade do seu estimavel marido ; *D. Catharina Sampaio*, retrato onde o pincel soube traduzir a belleza, a alegria e a bondade da venturosa matrona ; *Os Quatro Annos de Maria Esther* ; *Dr. Thomaz de Aquino Fonseca*, em corpo inteiro, sentado, segurando um livro em uma das mãos e tendo a outra apoiada sobre a face em attitude meditativa de pensador ; *D. Eulalia de Siqueira* ; *Drs. Mendo e Manuel Sampaio*, e um retrato do caridoso oculista em seu gabinete de consultas, cercado de todos os accessorios para uma operação difficil, empunhando um frasco de cocaina, e ao lado aberta a caixa dos instrumentos.

"A Arte Franceza" considerou esse trabalho uma das mais bellas produções do genio artistico de BERARD, pois em todo o quadro não ha uma falha. De AURELIO DE FIQUEIREDO : *A Entrada do Bosque* ; *Duas Noivas*, uma orando perante o tumulto do seu primeiro amor desaparecido, e a outra curtindo á beira-mar saudades amargurosas ao ver um vapor que parte, levando o seu promettido para a defesa da Patria na guerra com o Paraguay ; *A Mameluca* em um lindo sitio frondoso, reclinada em rede macia por sob um céu muito azul, vindo a luz do ultimo plano com uma alegria extraordinaria. De JERONYMO TELLES : *O Campo Grande*, que por muito tempo o autor chamou o seu primeiro quadro ; *A Estrada de Caxangá*, muito louvada por BERARD ; *Afflictos* antes de ser arruado ; uma linda paizagem do Cabo, *O Rio Una* correndo sobre as pedras, com um caçador em suas margens dando muita vida ao panorama ; *A Magdalena* e *Os Remedios*, descriptos por uma importante revista brasileira, e *O Passeio de Bêbê*, á luz de um sol de verão, que illumina o assumpto delicado. De THEODORO BRAGA, autor da *Manhã de Anniversario*, *Velho Cantor de Roma* e muitos outros quadros sacros e profanos, feitos na Europa, e aqui expostos ultimamente: *Um Trecho de Mar* e *Um Par de Botinas Velhas*, que mostram a qualquer curioso os estragos da sola no exercicio amiudado das funcções. De LASSAILLY : *Usina Cuyambuca*, o povoado, a estação, a casa e os bellos edificios da fabrica, um enorme boeiro, a capella no alto, e os cannaviaes nos planos inferiores ; *Engenho Conceição*, matta virgem, casas baixas e antigas ; *Um Panorama de Olinda*, de aspecto muito agradável, sob um céu claro de estio, vendo-se o Recife até o pharol : *A Ladeira do Monte*, quadro de muita expressão ; *Margens do Beberibe*, aprazivel paragem saliente por uma arvore copiada por mestre ; cinco trechos de Fernando de Noronha, sendo principal o panorama do povoado ; *A Varzea*, uma paizagem de muitos planos, duas aguas, pedras, arvores seculares, raizes e baronezas ; *S. Amaro*, *Casa Forte*, *Apipucos*, e outros quadrinhos menores.

LASSAILLY tentava fazer retratos no anno em que fallecera e depois de um estudo nas feições de Paulo Kruger, fez o seu proprio busto, copiando-o de frente de um espelho, e com tal felicidade que ninguem o faria melhor.

O Dr. José Bandeira de Mello, distincto lente de Geographia, latinista e advogado em nosso Fôro, é tambem um grande apreciador da pintura a oleo; e ao lado de outros quadros tem: De AURELIO DE FIGUEIREDO, *Lavoura, Commercio e Estrella d'Alva*, magnificas allegorias, que prendem por muito tempo a vista de



O beijo de Judas

quem as contempla, e duas telas de PEDRO AMERICO, impondo profunda admiração: *La Madonna* e *Uma Veronica de Christo*, em tamanho natural, podendo ver-se Jesus de olhos abertos ou fechados, conforme a posição do observador.

Essa veronica imponente fez-me recordar uma noite esculpida por *Buonarrotti* e da qual disse *Strozzi* :

*"La Notte che tu veddi em si dolci atti
Dormire, fu da un angelo scolpita
In questo sasso; e perchè dormi ha vita
Destala, se no'l credi, e parlerati"*

O Dr. José Bandeira conserva ainda como reliquias seis aquarellas firmadas pelo immortal Solitario de Florença, desenhos de sua infancia, quando tinha doze annos apenas.

O Commendador José Baltar, cavalheiro de esmerado gosto, que conserva em sua aprazivel chacara uma infinidade de objectos da arte dos indigenas, estatuas de marmore de Paros e placas de terra cota com retratos em alto relevo, tambem aprecia a pintura que outrora cultivou com habilidade.

Na secção dos quadros, salientam-se em aquarella: *A Meditação de um frade*, sentado em uma cadeira, depois da leitura do breviario, e assignada por M. BROCOS; *Dois Cardeaes* de ALFREDO WEBER, um apreciando com a lente uma noticia de jornal, impresso em typo miudo, e outro ouvindo com interesse e alegria uma cançoneta repetida pelo phonographo; e a oleo: duas marinhas da HERNANDES MONIO e dois estudos de E. LATOUR, figuras de velhos, o primeiro visto de costas, e o segundo de frente a contemplar uma caveira.



Eduardo Gadault

Enumerando os pintores pernambucanos, citarei em primeiro logar EDUARDO GADULT, por ser o mais velho.

Pretendeu a principio commerciar, mas depressa verificou sua maior vocação para a arte, que lhe apontava o caminho da gloria. Seguiu para a Europa sem perda de tempo.

Discipulo de LEON COIGNET, no fim de quatro annos, alcançara deste uma affeição tremenda.

GADULT é filho de francez, conforme seu nome o attesta, e poderia ter ganho o premio de viagem a Italia, se tivesse querido naturalizar-se na Patria de seu mestre, conforme lhe fôra offerecido.

Recusando-se a isso formalmente, declarou que premio algum deveria seduzir um brasileiro a renegar seu berço.

Findo o curso, e havendo en-

tre elle e COIGNET essa justa desintelligencia, regressou para o Brasil o nosso distincto conterraneo, cheio de entusiasmo patriotico e embalado pela esperança de um risonho porvir.

Conseguiu ser condecorado por D. Pedro II por ter feito á Capella Imperial doação de uma copia fidelissima da *Morte de S. Br. 1110*.

Aqui no Recife, leccionou por muitos annos a pintura a oleo, e aposentou-se como professor de desenho do Gymnasio Pernambucano.

Seus quadros mais notaveis são: *Jesus e a Samaritana*, que se acha na Matriz da Boa-Vista, grosseiramente retocado por mãos profanas, e ainda mais infeliz que *Il Cenaculo* de LEONARDO DE VINCI, pintura que tivera muitas copias, antes de ser mutilada *Judith*, com o terrivel aspecto de algoz com que realizou traiçoeiramente o assassinato de HOLOPHERNES, e *O Beijo de Judas*, um grupo em que são traduziveis diversos modos de fitar, muito significativos nesse episodio conhecido da tragedia do Calvario: — o olhar consciente do *Nasareno*, o fingido do infame *Iscariotes* e o curioso de um centurião mal encarado.

GADAULT nunca se entreteve com frequencia no cultivo de paisagens; fez, entretanto, A MORTE DE ABEL e um estudo do pôr do Sol, dignas do elogio de seus collegas.

Eximio retratista, figura entre os melhores de seu tempo.

Desenhou com esmero o retrato de *Ferreira Borges*, seu amigo, e ninguém melhor do que elle interpretou as feições carinhosas do venerando autor de seus dias.

Este trabalho magistral despertou-me o desejo de que o Mestre pintasse tambem o busto de *Meu Pae*, que parece me acompanhar ainda hoje com os olhos enternecidos, todas as vezes que eu passo em frente á sua effigie respeitavel, convencendo-me de que ainda continha, das alturas luminosas do Infinito, a inspirar na minha alma os nobres sentimentos, que sempre se installaram e fulguram no seu amoroso coração de poeta.

Em paisagem, o mestre principal é JERONYMO TELLES.

Era aprendiz nas officinas do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, onde passou dos 14 aos 18 annos, quando frequen-



Jeronymo Telles

tou alli o Lyceu de Artes e Officios, iniciando seus trabalhos a creião, sob a censura do habilissimo desenhista Commendador MOTTA.

Empregando-se durante algum tempo em estudos de pilotagem, abandonou o curso pouco antes de ser titulado, e fixou residencia em Porto Alegre, ajudando e praticando a pintura decorativa com DEMARTINO, encarregado de embellezar a loja maçonica "Luz e Ordem".

Algum tempo depois, regressou a Pernambuco, para trabalhar em escriptas commerciaes, que lhe offereciam maiores rendimentos.

Tendo exercido profissões de mechanico, foi admittido como socio effectivo no Gremio dos nossos artistas, e nomeado professor substituto da cadeira de Desenho, então regida pelo seu terceiro mestre o pintor portuguez BARRADAS, que dentro de pouco tempo partiu para Lisboa.

A JERONYMO TELLES foi por isso confiada definitivamente aquella aula, bem como a cadeira de calligraphia, até o anno de 1890, em que foi director da Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, que ainda hoje frequenta.

Seu quarto mestre foi AURELIO DE FIGUEIREDO, durante a temporada que passou em Pernambuco.

Animado por este, o applicado discipulo entregou-se exclusivamente á arte, redobrou de esforços, montou sua officina munida de todos os concernentes, e taes progressos fez, filiando-se á escola hollandeza, que acaba de ser comparado a RUYSDAEL em um artigo da *Renascença*, firmado pelo nosso conterraneo, o illustrado diplomata e literato Oliveira Lima.

Diversos quadros de JERONYMO TELLES andam espalhados pelo Paiz, e até alguns estão na Inglaterra.

Em uma exposição na Capital Federal, figuraram dois trabalhos seus muito applaudidos e pertencentes a Bellarmino Carneiro.

A copia da *Usina Cuyambuca*, exposta aqui no Lyceu, foi comprada pelo Dr. Correia Lima, que não fez questão de preço para adquiril-a.

TELLES cogita de apresentar publicamente uma serie de paisagens.

Algumas estão promptas, e outras que eu tive a ventura de apreciar, ainda em esboço, não me deixaram guardar o segredo do artista, e dellas farei uma descripção rapida.

Dedicando-se ultimamente a marinhas, e sabendo que eu era apreciador do genero, o meu amavel patricio facultou-me uma visita ao seu *atelier*, de onde sahi satisfeito e encantado pela magnificencia do colorido, e com a perspectiva aérea do ceu de seus quadros.

Alem de — *Barreiras de Beberibe*, *Palmeiras Tucum*, *Um corte de Mattas*, *O Monte em Olinda*, *De Tigipiô a Iputinga*, *Mattas do Engenho do Meio*, *As Umbaibas*, *Manhã no Sertão*, *Cabo de S. Agostinho*, telas de grande merecimento, muito me agradaram—*O Forte do Picão* e *Pharol* antigamente, *Barra e Forte do Sape*, copiado num dia brumoso de julho, *Ruínas do Carmo*, mostrando os estragos do mar na praia de Olinda, e a *Procissão de*

Jangadas, sulcando serenamente o oceano conduzindo para Goyanna S. Sebastião, que viera se encarnar no Recife.

O insigne paizagista faz parte do corpo docente da nossa Escola de Engenharia, occupando as cadeiras de Mechanica no terceiro anno, e Architectura no quinto, e lecciona Desenho no Collegio Prytaneu, acreditado e importante estabelecimento de ensino, equiparado á Escola Normal Official.

Tres filhos de JERONYMO TELLES são artistas esperançosos : D. Esther pinta flores admiravelmente, Benvenuto é o nosso photograburista, e Jeronymo tem geito especial para phantazias, com a vocação patenteada em desenhos decorativos.

Na palestra que tive em sua casa, observei a solicitude com que me lembrava os nomes dos collegas, fazendo a alguns elogiosas referencias, e obtive, para embellezar esta chronica, a lista dos nomes de suas discipulas talentosas, amabilissimas senhoras de elevada educação que, apesar de contrariadas em sua modestia, me facilitaram os retratos, que apparecerão mais adiante, constituindo a sympathica e brilhante phalange das Amadoras.



Carneiro Vilella

um logarejo de Olinda, *O Cumê* e *A Aguazinha* em Beberibe, *Estrada dos Remedios*, *Catucá*, *A antiga Caixa d'Agua do Beberibe*, com um estudo acurado sobre os bambús, são trabalhos que reclamam louvores; dois outros, porem, me despertaram verdadeira admiração : *A Estrada do Maduro*, uma das mais mimosas paizagens, que

CARNEIRO VILELLA é principalmente scenographo e fez com successo no Rio de Janeiro *A rua do Ouvidor* e *Petropolis* para duas Comedias do apreciado humorista França Junior.

Pintou aqui uma vez o clausstro para o *Amor Molhado*, illuminando o scenario com o clarão da lua, e collocando uma cruz desenhada no panno do fundo com a illusão perfeita de que se achava erecta no centro do palco.

E' formado em direito, escreve todos os dias para diversas folhas desta capital, e nas horas do descanso dedica-se ás suas paizagens.

Além de romancista, é poeta; foi o fundador da Academia *Pernambucana de Letras*.

Suas pinturas são feitas com extraordinario brilho e podem ser citadas no catalogo das obras magistraes : *Caminho dos Afflictos*, *Ruinas de Palmyra*, *Estrada dos Remedios*, *Catucá*, *A antiga Caixa d'Agua do Beberibe*, com um estudo acurado sobre os bambús, são trabalhos que reclamam louvores; dois outros, porem, me despertaram verdadeira admiração : *A Estrada do Maduro*, uma das mais mimosas paizagens, que

se pode encontrar em Pernambuco, feita com primor artistico e na qual a perspectiva é inexcédível, e *A Vista do Recife*, tirada da praia dos *Milagres* em Olinda, em uma tarde de inverno, salientando-se no horizonte azul profundo a cidade muito branca, sem uma restea de sol no plumbeo ceu, apenas clareado pela massa de um grande nimbo, encimando o panorama.



Chrispim do Amaral

Um quadro de tres cardeaes quasi apoplecticos, atravessando o Mar Vermelho em dia de aurora boreal.

Chrispim é um cavalheiro attencioso, mas uma vez, alcançando uma grande Victoria com as travessuras do seu lapis, muito exaltado a favor do Transvaal, ficou privado officialmente de pôr os pés em ramo verde nas famosas terras britannicas.

Um injusto castigo, dirão os conhecedores do seu genio inoffensivo, pois até o impagavel artista confessa que apreciava bem os genuinos *beefs* sob o ceu de Londres, e nunca pretendeu levar a ridiculo as figuras bonitas do solo inglez...

(Continúa).

CHRISPIM DO AMARAL sabe pintar igualmente com alma esplendidas scenographias brasileiras : E' artista de nomeada que tem trabalhado annos e annos em Pariz, e musico de muita execução nos instrumentos de sopro.

No theatro do Pará, por vezes substituiu profissionaes, que faltavam na orchestra.

E' pintor de costumes e faz bonitas aquarellas, primando em caricaturas de espirito.

Em meu album retratou *Um Orador Politico* no momento de tirar uma conclusão.

A ultima vez que nos encontramos, tivemos assumpto para falar mais de uma hora ! Chrispim sabe conversar ; sua prosa é illustrada e attrahente, presidida por um constante bom humor.

A proposito da escola impressionista, e para descrever a impressão do rubro, citou-me

BIANOR DE MEDEIROS.

Sobre a photographia judiciaria : seu historico e sua applicação



I nem todos ignoram qual o importante papel que desempenha a photographia no dominio judiciario, poucos, entretanto, conhecem os meios de que ella dispõe e as circumstancias exactas em que se pode tornar para a justiça um auxiliar precioso.

Embora de origem bastante antiga, a photographia judiciaria só depois da apparição do systema Bertillon, communmente chamado *bertillonagens*, adquiriu seu desenvolvimento completo.

Tambem é verdade que, muito antes da apparição deste methodo, em casos extremamente raros, a justiça teve de recorrer á photographia. Assim, no n. 10 do *Jornal dos Tribunaes*, de Setembro de 1854, redigido pelo advogado Pellis, de Lausanne, se encontra o documento, provavelmente mais antigo do emprego da photographia em materia judiciaria. Foi o caso que entre os que faziam parte de uma quadilha de roubadores foi preso um individuo completamente des-

conhecido. Todo o esforço para o descobrimento de sua identidade foi nullo.

Teve, então, o juiz, encarregado do inquerito, a idéa de fazel-o photographar, por meio do processo daguerreotypo, e exemplares dessa photographia foram enviados não só á policia de todos os cantões da Suissa, como á de todos os paizes vizinhos. E, apesar da pouca confiança que o juiz depositava nessa nova tentativa, teve o prazer de vel-a coroada do melhor successo, pelo reconhecimento do individuo, numa cidade do grão ducado de Bade.

Dahi, então, a photographia começou a prestar grandes serviços á policia; por mais preciosos, porém, que elles fossem, estavam longe de se comparar com os que permittem obter os retratos signaleticos dos nossos dias.

Na Allemanha as collecções de retratos executados um pouco ao acaso, e sem unidade operatoria, foram agrupadas sob a denominação de *Verbrecheralbums*.

Em 1896, um medico de Vosges enviou á Academia de sciencias uma serie de chapas que, segundo affirmava, apresentavam a imagem do assassino sobre a retina de um homem assassinado. E, tendo sido o celebre Vernois encarregado pela douta assembléa de examinar essas chapas, depois de aprofundado estudo, concluiu que em nenhuma dellas havia traço algum visível da imagem em questão.

Mas, apesar da refutação categorica da Academia das sciencias, o caso das photographias naturaes nos olhos de assassinados, aliás de origem americana, continúa ainda hoje a encher de uma vez por outra as revistas scientificas.

Pouco tempo depois, um facto real attrahia a attenção do publico. Tratava-se de uma senhora que se fizera photographar. Depois da primeira *pose*, o photographo retirou-se ao seu laboratorio para ultimar as operações de revelagem e fixagem do *cliché*. O negativo estava bom, mas appareciam na figura da retratada manchas transparentes que contrastavam com a pureza de sua cutis.

Attribuido o facto á má qualidade da placa photographica, fez o artista novo *cliché*. Sobreveiu o mesmo resultado. Um terceiro e um quarto ensaio apresentavam sempre as mesmas manchas transparentes sobre a figura. Resolvido a corrigir a falta pelo retoque, decide-se o photographo a abandonar a lucta e qual não foi seu espanto quando, que-

rendo, alguns dias depois, fazer a entrega, das provas á sua cliente, soube que havia fallecido de variolas! As manchas transparentes sobre o negativo eram, sem duvida, a erupção variolosa ainda completamente invisivel.

Torna-se difficil determinar com exactidão a data do primeiro emprego da photographia com o meio de reconhecer as falsificações na escripta.

As investigações pela photographia, propriamente ditas, datam do ultimo quartel do seculo passado.

A sabios investigadores, como Bertillon em Paris, Lesserich em Berlim, Sonneuschein e Poppe em Francfort, Dennstedt e Schöepff em Hamburgo, é que se deve uma serie de excellentes methodos para o exame photographico dos documentos escriptos, graças aos quaes, este genero de investigações, cujos resultados são notaveis, se torna relativamente frequente.

Entretanto o appparelho photographico foi empregado como instrumento de registro em época mais afastada.

Embora raramente, elle tem, com effeito, servido desde 1860 para fixar o aspecto do logar do crime, duma catastrophe, etc.

Foi somente depois destes ultimos trinta annos que se começou a utilizar a photographia, toda vez que é preciso conservar uma vista exacta, completa e imparcial dos differentes logares.

Chegou-se a reconhecer que muitos detalhes deixados ao *consta*, mas visiveis sobre a imagem photographica, adquiriam depois uma importancia notavel e capital.

Em 1895 notadamente, em Chicago installaram-se em algumas cidades *ateliers* photographicos destinados ao uzo policial e judiciario.

Na França, em 1882, chegou-se enfim á introducção definitiva da photographia judiciaria.

Alphonse Bertillon, nessa data, creou em Paris o primeiro serviço de identificação segundo seu proprio systema, o qual reservava, ao lado da mensuração anthropometrica, um largo espaço á photographia.

O systema Bertillon, conhecido tambem pelo nome de anthropometria signaletica, é o producto de um longo e paciente trabalho, e a Bertillon somente cabem a honra e o

merito de ter dotado a humanidade com um meio de identificação que dá, desde sua criação, resultados de tal modo notaveis que foram adoptados por quasi todos os paizes.

Em Paris o serviço foi definitivamente installado em virtude de uma deliberação do conselho geral do Sena, sob proposta de M. Gragnou, prefeito de policia.

Os trabalhos iniciaram-se em Fevereiro de 1888 e terminaram em 15 do mesmo mez do anno seguinte.

Nesta obra admiravelmente preparada com todos os melhoramentos deste bello methodo de identificação, ha, ao mesmo tempo, trabalhos da mais alta importancia para a photographia judiciaria.

Depois da França, foi a Suissa que primeiro comprehendeu a importancia do systema Bertillon, e em Dezembro de 1890, reunidos em Berna os principaes funcionarios dos diferentes departamentos cantonaes da justiça e da policia, prepararam a applicação da anthropometria signaletica na Suissa, de modo que em Junho de 1891 o cantão de Genebra foi o primeiro a instituir um serviço de identificação anthropometrica.

Seguiu-se a Allemanha que em 1895 estabeleceu em Berlim um serviço completo, calcado nos moldes do de Paris. As outras cidades da Allemanha acompanharam Berlim e hoje quasi todas as que contam 50.000 habitantes possuem seu serviço de identificação, segundo o methodo de Bertillon.

A Austria, a Hollanda e a Roumania estabeleceram do mesmo modo serviços semelhantes, e actualmente, pode-se affirmar que a policia da maioria dos paizes civilizados pratica a —«bertillonagem»—(*).

No tocante ao papel que desempenha a photographia nas pesquisas judiciais, podemos dividir seu emprego em tres categorias :

(*) Entre nós, somente no Rio de Janeiro existe um gabinete anthropometrico funcionando regularmente.

Aqui, no Recife, durante o governo do Dr. Barbosa Lima alguma couza se fez neste sentido a esforços do Dr. Constancio Pontual, lente de Medicina Publica na Faculdade de Direito. O desamor, porem, de certo governante anniquilou a promettedora tentativa a que não valeu mais tarde, em 1900, a boa vontade do Dr. Arthur Muniz, no Congresso Estadual, propondo verba sufficiente para o custeio desse serviço. Tudo ficou no que estava e o que existia perdeu-se totalmente.

1) de photographia sobre o logar do crime, do accidente ou catastrophe ;

2) da photographia como meio de exame ou de investigação ;

3) da photographia para a identificação dos criminosos, dos cadaveres desconhecidos, etc.

Examinaremos os dous primeiros pontos separadamente, os mais interessantes do assumpto.

A photographia do logar, onde se desenvolveu um acontecimento qualquer, é sem duvida um documento indiscutivel e fiel para o magistrado encarregado de uma investigação, porque a todo momento elle tem deante de si a imagem exacta desse logar, dando-lhe a idéa perfeita e nitida do facto em questão. Ella constitue, por assim dizer, uma especie de memoria artificial, cuja necessidade é palpitante.

Parece, effectivamente, que o juiz ou outra autoridade qualquer, tudo viu, tudo examinou, durante o tempo que passou no logar do crime ; mas, na pratica, acontece muitas vezes que certos pequenos detalhes não notados se tornam por acaso, no correr do processo, de uma importancia capital.

E, na maioria dos casos, é tambem muitas vezes impossivel tornar a achar esses detalhes porque ao aspecto geral do logar sobreveiu qualquer mudança.

Demais, a necessidade da intervenção da photographia se impõe sobretudo, não só para corrigir as faltas e as interpretações erroneas, mas tambem para reparar um phenomeno de ordem puramente psychologica, o qual consiste no facto muito natural de nós só vermos aquillo que queremos ver.

Bem se comprehende a importancia de tudo isto.

Tratando-se de um juiz, cuja probidade não lhe sirva de titulo de recommendação, a photographia excusa seu esforço no sentido de sua parcialidade, reproduzindo patentemente circumstancias que elle *não poderia deixar de ver*.

Depois disto, um magistrado enviado para uma constatação judiciaria fará, é bem possivel, em pouco tempo, uma opinião propria sobre a natureza do crime ou do accidente, e, proseguindo no sentido de seu modo de ver, procurará muito naturalmente os indicios typicos que corroborem sua suspeita, desprezando, muitas vezes, pequenos detalhes de importancia ao menos relativa.

Ainda ahi o appparelho photographico, muito ao contrario, é o registrador que tudo vê e que tudo notifica.

A imagem photographica tomada sobre o logar do crime, pode igualmente servir á demonstração durante as audiencias e simplificar singularmente a tarefa daquelles que representam um importante papel no processo, seguindo os debates e tendo deante de si a representação dos logares onde foi commettido o crime. Ella tem maior valor ainda, si se tem em vista a sua influencia psychologica sobre os juizes e sobre o proprio accusado.

Por melhor relatado que seja um facto criminoso, elle não fará resaltar com mais fidelidade seus horrores do que uma boa photographia.

Demais, é preciso tambem não esquecer que ella se pode tornar para o accusado a melhor testemunha de defesa.

A representação photographica dos pequenos detalhes, como as marcas de passos, as marcas das linhas papillares da pelle dos dedos, as manchas de sangue, etc., servirão para a identificação do criminoso ou para a descoberta do delinquente desconhecido.

Ha necessidade, pois, de executar sobre os logares de um crime, de um accidente, ou de uma catastrophe, primeiramente, a vista geral tomada de diversos logares ; depois, para que se possa seguir todas as peripecias, não deixar escapar as cadeiras reviradas, os tapetes amarrotados, as manchas de sangue pelo chão e sobre os moveis, tudo indicando a natureza da lucta, etc.

A forma das gottas de sangue indica o movimento ou o repouso do ferido, e, como nos traços dessas gottas o eixo mais longo se acha na direcção do movimento conservando essa mesma direcção as gottas lateraes, é facil assim achar o caminho seguido pela victima.

Por consequencia, depois de ter fixado o conjuncto dos logares, convem photographar os detalhes que possam interessar o processo, como, por exemplo, os moveis quebrados, quer por instrumentos, quer por meio de explosivos, os tapetes da camara do crime, com pregas caracteristicas que possam indicar uma lucta ou uma fugida, a posição dos moveis revirados ou desarrumados, objectos perdidos durante a lucta e tudo enfim que venha trazer um esclarecimento qualquer ao juiz inquiridor.

Qualquer superficie plana tocada pelos dedos sujos de sangue ou de outra materia colorante conserva uma imagem fiel das linhas papillares da pelle, e, como é sabido e provado actualmente, sobre tudo depois dos trabalhos de M. Bertillon e M. Galton, que não ha dous homens que possuam a mesma forma e a mesma direcção das linhas papillares dos dedos,—taes marcas tomadas photographicamente no logar do crime serão um poderoso meio de identificação.

Mas, ha ainda outras marcas digitaes que podem ser encontradas no logar do crime e que serão de muito interesse para a instrucção do processo:—são as marcas das linhas papillares dos dedos produzidas pelas materias graxas que se acham sempre á superficie da pelle e que se observam sobre o vidro, madeira polida e, em geral, sobre todo objecto de superficie homogenea e brilhante,—marcas que, sendo muitas vezes imperceptiveis ou quasi invisiveis ás nossas vistas, podem ser perfeitamente apreciadas por meio da photographia.

Si o crime foi commettido sobre terreno, as marcas de passos são documentos que não devem ser desprezados.

Finalmente, uma das tarefas mais importantes da photographia é a de fixar exactamente a posição do cadaver,—cousa que é, como todo mundo sabe, da mais alta importancia para a determinação da natureza da morte. Dever-se-á photographar o cadaver de differentes modos e, si for possível, de alto para baixo.

Estes documentos serão de grande valor para o exame medico legal.

E mais: em caso de estrangulação, a cabeça do cadaver deverá ser photographada com uma redução menos forte para mostrar bem a maneira por que foi apertado o pescoço e da mesma forma o aspecto dos ferimentos, si elles existem.

Muitas outras considerações poderíamos fazer sobre o assumpto, si quizessemos dar a este estudo o desenvolvimento a que se presta.

Mas o pequeno espaço de que dispomos nos impede de fazel-o.



A natureza das investigações photographicas em matê-

ria judiciaria é muito variavel, mas quasi todas têm sua base sobre o facto de ser a placa photographica excessivamente sensivel para as differenças de intensidade da maior parte das cores.

Dahi o poder-se constatar, pelo exame photographico, sobre o corpo de um cadaver os signaes de pancadas, de estrangulação, etc., *invisiveis absolutamente á vista*.

Effectivamente, uma pancada ou uma pressão exercida sobre uma parte qualquer do corpo humano produz sempre uma effusão de sangue sob a pelle ou no interior mesmo da pelle, pelo facto da ruptura de pequenos vasos sanguineos.

Si a pancada ou a pressão não foi consideravel, o derramamento se mostra por uma ligeira côr avermelhada, a qual desaparece mui rapidamente pela absorpção do sangue extravasado. Si, ao contrario, a quantidade de sangue foi maior, o effeito da pancada ou da pressão se traduz por uma mancha avermelhada muito pronunciada.

E, como neste caso a absorpção do sangue se não faz sinão lentamente, o que fica sob a pelle se coagula e produz primeiramente uma cor negro-violeta que, com o progresso da absorpção, se vae tornando de mais a mais amarello-esverdeada até desaparecer completamente no fim de alguns dias.

No corpo de individuos assassinados, si á morte precedeu lucta corporal, apparecem em maior ou menor quantidade essas manchas provocadas por contusões de diversas naturezas tomando esses logares uma côr negro-escura e destacando-se vigorosamente.

Mas, por outro lado, pode acontecer muitas vezes que a pressão exercida pelas mãos do assassino sobre o corpo da victima não seja sufficientemente forte para produzir manchas visiveis pela effusão do sangue, ou que a victima, tendo sido morta por um tiro de revolver, por exemplo, não conserve nenhum signal apparente de lucta, desfarçado o assassinato pela habilidade do criminoso, que bem dispoz os logares e collocou visivelmente a arma ao lado do corpo da victima para fazer suppôr o suicidio.

Mas ahi o objectivo photographico vai nos revelar a existencia desses signaes produzidos pela pressão dos dedos ou por pequenas pancadas.

Photographando-se o cadaver, depois de despido, com o

maior augmento possível, obter-se-á um *cliché* mostrando o conjuncto do corpo e em que será visível a menor differença de coloração da pelle.

Constatada a presença de manchas suspeitas, serão ellas photographadas em ponto maior e de posse dessas photographias o medico legista se pronunciará sobre a natureza dellas. (1)

E' tambem importante o papel da photographia quando se trata de descobrir sobre as roupas já lavadas as manchas de sangue reveladas por uma côr de creme, fraca.

Mas, si estas manchas já não são visiveis á vista, somente a photographia nos poderá accusar sua presença.

Uma vez fixado o logar exacto dessas manchas suspeitas pela placa photographica, o perito chimista as recortará e determinará sua natureza por uma analyse que poderá ser spectroscopica ou chimica.

Não nos parece inutil insistir sobre o valor da microphotographia nas vistorias que se tornam clara e commodamente visiveis para todo o aspecto das particulas infinitamente pequenas, observadas no campo do microscopio e a utilidade da radiographia nos relatorios medico-legaes.

Esta ultima serve tambem para distinguir as verdadeiras pedras preciosas das suas imitações.

Pela photographia obtem-se igualmente o meio de se poder lêr, reconstituindo-os, os documentos escriptos e que foram proposital ou accidentalmente queimados, uma vez que não estejam reduzidos a pequenos pedaços. (2)

Onde, porém, a photographia presta relevantissimos serviços, é no exame photographico dos documentos escriptos.

Esta questão bastante estudada por sabios cujo nomes já atraz referimos, foi assumpto particular dos dous hamburguezes Dennstedt e Schöepff.

A applicação da photographia no exame dos documentos escriptos só pode visar dous fins :

(1) Parece excusado declarar que tratamos aqui somente do homem branco ; embora no homem de côr essa verificação não seja impossivel.

(2) E' bem de ver que nos não occupamos aqui sinão da parte theorica deste assumpto.

a) descobrir uma falsificação sobre um documento qualquer; b) comparar o conjuncto de dous ou mais escriptos.

O primeiro caso encerra tres questões que devem ser propostas para que o perito photographo as resolva em primeiro logar. São ellas: 1.^a Os traços apagados no documento, o foram por meios chimicos ou mechanicos; em logar destes traços foram escriptos outros?

2.^a Achando-se dous ou mais traços sobre o mesmo documento, foram elles inscriptos com a mesma tinta ou com tintas differentes?

3.^a Achando-se os traços sobre o mesmo documento, foram elles escriptos ao mesmo tempo ou em épocas differentes e, neste ultimo caso, qual das escriptas é a mais antiga?

Na primeira hypothese ou os traços foram apagados por meio de rasura ou por meio de soluções chimicas.

Si a rasura foi o meio escolhido, a falsificação torna-se patente, bastando a observação do logar rasurado com uma forte lente, ou sob o microscopio para distinguir-se seu aspecto fibroso, do da superficie lisa do papel.

A photographia nos mostrará muito claramente os logares tratados a canivete ou a raspadeira.

Si a falsificação foi feita por meio de substancias chimicas—(soluções de acido oxalico, de chlorureto de estanho, de acido chlorhydrico e hypochloritos)—dá-se o embranquecimento ou o amarellecimento do papel, na parte atacada.

Esta mudança de côr é quasi sempre minima e Imperceptivel á vista, mas muito sensivel para a placa photographica.

Mas, como todos estes meios chimicos e mechanicos são empregados pelo criminoso para fazer desaparecer alguns traços, pode-se, pela photographia, descobrir esses traços desaparecidos para a nossa vista.

Ao falsificador, effectivamente, importa muito conservar o logar donde fez desaparecer alguma letra ou assignatura em um estado tão perfeito quanto possivel; é, portanto, natural que elle cesse seu trabalho logo que todo traço visivel não possa ser observado pelo olhar mais exercitado. Acontece, porem, que traços minimos de tinta preta ficarão no papel, si o falsificador uzou de raspadeira, ou de particu-

las de oxido de ferro amarello, si foram empregadas substancias chimicas.

A placa photographica muito mais sensivel que a vista a menores differenças de certas cores, registrará esses traços e permittirá em muitos casos reconstituir o texto desaparecido.

Si, entretanto, o criminoso, depois de ter feito desaparecer uma parte dos traços ou os algarismos de um documento, os substitue por outros, servir-se-á quanto possivel dos antigos traços já existentes, sendo igualmente forçado a escrever sobre a parte do papel que soffreu a rasura ou que foi embranquecida pelas substancias chimicas.

Além dos traços que ficaram no papel, a photographia mostrará um signal typico de falsificação.

Sabe-se, com effeito, que no logar tratado pela rasura ou pelas soluções chimicas, o polido do papel é parcial e muitas vezes totalmente destruido, fazendo por isso o effeito de mata-borrão : embebe a tinta.

Consequentemente, um traço de tinta applicado sobre esse logar não terá mais os bordos claramente distinctos, mas sim dentados em virtude da capillaridade das fibras que constituem o corpo do papel.

Pois bem, a ampliação photographica faz resaltar distinctamente essa particularidade.

Si dous ou mais traços, achando-se sobre o mesmo documento, foram escriptos com a mesma tinta ou com tintas differentes.

A questão aqui se torna muito mais difficil, porquanto para sua solução é necessario certo conhecimento da natureza das tintas que se acham no commercio.

Não tendo ellas a mesma composição chimica, faz-se mister um estudo previo e especial de suas qualidades para que assim possa o perito, encarregado de um exame, chegar a um resultado apreciavel de suas investigações.

Não nos cabe aqui entrar na apreciação desta parte pratica do problema, o que nos afastaria do nosso fim principal.

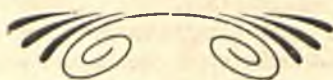
Chegamos, finalmente, á terceira questão: *dous traços, achando-se sobre o mesmo documento, foram elles escriptos ao mesmo tempo ou em epochas differentes ?*

Tambem neste caso o perito terá de lançar mão dos meios que a chimica lhe fornece, os quaes nem sempre darão resultados concludentes.

Dennstedt e Schœpff, todavia, estabeleceram regras a seguir no estudo dessas hypotheses e é por ellas que o perito deverá guiar-se nas suas investigações praticas da especie.

22—9—06.

HENRIQUE MARTINS.



Anno 3.º Recife, 11 de Agosto de 1903 N. 1

O Correio Academico

ANNEXO A "A CULTURA ACADEMICA"



JOAQUIM NABUCO

Joaquim Nabuco

Quando circulou nesta capital a alviçareira nova de que o nosso glorioso patricio, o dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, que, com a mais notavel competencia, honra o elevado cargo de Embaixador junto ao governo da Republica dos Estados Unidos, seria passageiro do *Thames* com destino á capital da União a tomar parte no congresso Pan-americano, immenso regocio, a transparecer radioso em todos os semblantes, tomou a alma pernambucana...

E' que Joaquim Nabuco, escrevendo com o seu verbo poderoso a epopéa do abolicionismo, deixou seu nome indelevelmente inscripto na memoria e no coração dos que se sentem orgulhosos por tel-o como conterraneo.

E' que a saudade do grande Auzente forçado a passar (muito embora a serviço da grande Patria) longos annos afastado do torrão em que primeiro viu a luz meridiana, ia enfim ser mitigada com a presença, si bem que fugace, do idolo sempre acclamado pelos do mesmo Estado, sem distincção de classes, sem distincção de crenças.

A gloriosa mocidade estudiosa, no seio da qual primeiro medram os nobres sentimentos, moveu-se sob a direcção mental do seu dilecto Mestre—Phaelante da Camara—sempre solícito em mostrar a seus discipulos que é dever civico honrar a memoria dos nossos Mortos illustres e homenagear aos que consagram todas as suas energias ao engrandecimento da Patria.

Effectuaram-se na Faculdade reuniões para se accordar sobre a melhor maneira de victoriar

ao notavel itinerante. Era preciso, antes de tudo, obter-se a certeza de que Joaquim Nabuco saltaria neste porto. Indicou-se logo uma commissão que se fosse entender com o dr. governador do Estado afim deste telegraphar a saber qual o proposito em que se achava, a esse respeito, o nosso illustre patricio.

O dr. Sigismundo Gonçalves, com a gentileza que todos lhe conhecem, accedeu promptamente e fez expedir o seguinte telegramma :

"Embaixador Nabuco—Bordo do *Thames*, S. Vicente—Academicos perguntam se desembarca. Para mim será grande prazer—*Sigismundo*."

Esse despacho foi respondido com os seguintes :

"S. Vicente, 8 de Julho—Governador Pernambuco—Desembarco. Agradeço—*Nabuco*."

"S. Vicente, 9 de Julho—Governador—Muitos agradecimentos. Desembarcarei em Pernambuco com grande prazer e levarei commigo cerca de 30 delegados—*Nabuco*."

A commissão executiva academica, sob a presidencia do dr. Phaelante da Camara e composta dos srs. Nogueira Coelho pelo 1.º anno, E. Sá Pereira pelo 2.º, F. Barroca pelo 3.º, Luciano P. da Silva pelo 4.º e Carlos Xavier pelo 5.º organizara, de accordo com o governo do Estado e as associações do commercio e particulares, festivo programma que foi realizado no dia 13 e deu ao desembarque, ao lado do official, um caracter de festa eminentemente popular.

Logo ás 7 horas da manhã, ao som das salvas, reuniu compacta multidão, tanto no extincto Arsenal de marinha como nos caes e ruas adjacentes, ao mesmo

tempo que, ao som de bandas de musica, partia para o *Lamarão* vistosa flotilha de embarcações ligeiras rebocadas por diversos vapores e nas quaes iam os representantes da Faculdade, do governo do Estado, das associações e da imprensa.

Ao passar a barra o grande patricio, salvou a Fortaleza do Brum, enquanto em terra formavam para prestar-lhe as continencias devidas o 14.º batalhão de infantaria do exercito e a companhia de Aprendizes marinhos.

Na casa da Ordem do extinto Arsenal viam-se os representantes das mais altas classes sociais, enquanto, no recinto do Arsenal, o povo se expandia em delirante entusiasmo nos repetidos vivas e aclamações ao egregio Pernambucano.

Ladeado pelos representantes ao Congresso Pan-Americano que se animaram a vir á terra com o encapellado mar que fazia no *Lamarão*, recebeu o Dr. Nabuco as primeiras saudações do Dr. José Mariano, que, em vibrantes phrases, lhe deu as boas vindas em nome dos antigos abolicionistas.

Pelo Club Popular orou tambem nessa ocasião o Dr. Feliciano Gomes, sendo ambos os oradores vivamente applaudidos.

Teve então a palavra o representante da Republica Cubana ao Congresso Pan-Americano, o sr. Gonsalo Quesada, dotado de fluente oratoria com a qual arrebatou o auditorio. Finalmente orou o Dr. Nabuco que, agradecendo as homenagens a si tributadas, pediu as repartissem o povo com os delegados Pan-Americanos, obreiros dessa esperançosa era de renascença que surgiria com

a confraternização das duas Americas.

Organizado o longo e importante prestito civico, dirigiu-se á Associação Commercial, em cujo nome falou seu secretario o commendador Lima Castro.

Seguindo para o Palacio do Governo, foram durante o tracto o Dr. Nabuco e seus companheiros de desembarque calorosamente aclamados, sendo sobre elles jogadas flores em diversos pontos da cidade.

De Palacio, após os primeiros cumprimentos e apresentação dos delegados, dirigiram-se os itinerantes, accompanhados pelo illustre sr. desembargador Sigismundo Gonçalves, para o theatro Santa Isabel, a essa hora já occupado pelas mais distinctas familias.

Com a chegada do Dr. Nabuco o theatro ficou literalmente cheio.

No palco, onde foram armadas uma tribuna e a mesa presidencial, tomaram logar o Dr. Nabuco, o Governador do Estado, os delegados, a commissão Academica e os representantes das associações.

Proferindo algumas palavras de saudação, o honrado governador do Estado deu a palavra ao orador official, o dr. Phaelante da Camara que, em primorosa oração, saudou o dr. Nabuco, em nome do povo Pernambucano, lendo o seguinte :

Exmas. Sras !

Meus Senhores !

O majestoso pernambucano, a quem eu vi pela primeira vez neste mesmo recinto, quando joravam dos centros affectivos do Recife as represas de misericórdia pelos escravos, vem, por al-

guns instantes, pousar de novo nos degraus desta tribuna, a que os lampejos chromaticos da sua eloquencia deram a aureola de immortalidade.

Estão aqui muitos dos que tiveram outr'ora a fortuna de ouvir-o, trazidos hoje pelos laços suggestivos das recordações ; está a juventude gloriosa da Academia do Recife, que se pode gabar com justo orgulho de ter tido a iniciativa desta homenagem ; está o Governador do Estado em collaboração com as diversas classes sociaes ; está o velho tribuno pernambucano, conservando o ardor sagrado dos enthusiasmos civicos sob os seus cabellos brancos, como no inverno os vulcões se corôam de neve ; está o legendario *Club do Cupim*, vibrando de emoção como nos grandes dias das suas façanhas inenarraveis ; estão as associações de letras, que vêm sentir de perto os fluidos magneticos da palavra de quem é, sem contestação, o príncipe dos oradores brasileiros ; estão os rudes homens do povo, que possuem nas fibras intimas do ser moral as raizes caracteristicas da justiça humana ; mas ha alguma cousa que se não vê e se perde nos atomos impalpaveis da atmosfera : — é o espirito immanente da abolição, que vem fazer uma visita de honra ao seu grande apostolo.

Talvez não seja proprio fazer vibrar numa solemnidade festiva as notas de tristeza do nosso teclado psychico ; mas eu sinto que não corresponderia aos meus deveres de equidade, si não lembrasse a procissão de mortos, que, neste momento, estão passando no campo visual de nossa memoria.

Elles vieram tambem a esta formatura solenne.

Barros Sobrinho, Faustino de Britto, Corbiniano de Aquino, Costa Ribeiro, Barros Rego, Paula Rocha, José Marcellino, na constancia dos seus ideaes ; Numa Pompilio, com os seus assomos de nihilista ; Paula Mafra, com os seus sonhos de completo nivelamento social ; Maciel Pinheiro e Martins Junior, com os seus pendores irreductiveis de republicanos ; todos esses se movem na via-sacra de nossas pungentes saudades, como as vistas de um cinematographo que estivesse dando vida e calor a scenas desaparecidas.

E' certo que o grande cidadão está presentemente investido do maior cargo da nossa representação internacional ; mas foi na propaganda da humanitaria causa que elle fez a sua estrondosa nomeada, e não será um exagero dizer que o embaixador do Brasil nos Estados-Unidos é ainda um brilhante prolongamento do abolicionismo.

As honras extraordinarias que elle tem recebido no estrangeiro, como diplomata, não excedem as manifestações de sympathia espontanea que lhe foram tributadas, quando levou as mensagens dos escravos ao recinto da *Anti-Slavery Society*, ou ao seio carinhoso de Leão XIII.

Isto quer dizer que no propagandista e no diplomata confluem as mesmas aptidões nativas e o apuro inconfundivel das linhas de distincção que, pelo lado materno, elle recebeu da velha fidalguia de Pernambuco.

Com estas qualidades de primeira linha, o nosso eminente patricio se viu bem armado para vencer nas diversas esferas da intelligencia, em que ainda é possível moldar o antigo padrão da dignidade humana.

O realce que elle tem dado no

extrangeiro aos nossos titulos de civilização, primando no perfil, nas maneiras, na intelligencia e no caracter, mostra o quanto se poderia ter enganado quando, alludindo ao typo superior do Barão de Penedo na sua *mansão* de Londres, 32, *Grosvenor Gardens*, disse "que o seu molde diplomatico está para o Brasil tão irremediavelmente perdido como para Veneza o dos seus embaixadores dos seculos XVI e XVII."

Não está perdido esse molde, felizmente; salvo si é preciso assim julgar por o ter o embaixador do Brasil em Washington tornado mais amplo.

Por mais extraordinario que fosse o brilho da nossa legação em Londres ao tempo do saudoso Barão de Penedo, com o privilegio de receber entre os seus convidados a realza da Inglaterra nas pessoas do principe de Galles e da sua encantadora consorte, não teve o poder de focalização de nossa embaixada nos Estados-Unidos.

As tradições excellentes que o sr. dr. Joaquim Nabuco deixou em Londres, o formidavel dispendio de talento, erudição e patriotismo com que se empenhou na questão da Guyanna perante o rei da Italia, o relevo proprio com que se tem apresentado em Washington, a ponto de receber honras memoraveis e ruidosas de grandes corporações scientificas, dão o cunho da superioridade espiritual com que elle se tem conduzido no extrangeiro.

No entanto, não é somente no caracter de plenipotenciario, ou no papel de abolicionista, que elle se impõe aos nossos applausos.

Os seus fóros incontestaveis

de erudito reclamam por sua vez menção honrosa.

Poeta, si elle suppoz "faltar-lhe a forma do verso," espiritos de real competencia no velho mundo disseram-lhe que "as suas poesias eram de uma rara distincção."

Critico, servem-lhe de recommendação o *Camões* e os *Lusiadas*, as conferencias a proposito da Arte no salão da Gloria e os folhetins literarios *A's Segundas*, no rodapé do *Globo*.

Como deputado, si elle poz ao serviço das grandes causas a eloquencia, a mocidade e os attractivos physicos que lhe deram fama nas rodas aristocraticas, foi antes do mais um homem de cultura, sabendo exercer os deveres civicos no convivio das idéas.

Retirado do scenario politico pelos effeitos bruscos do Quinze de Novembro, que abalou até os alicerces as convicções da collectividade brasileira, Joaquim Nabuco, em quem o liberalismo não fôra um simples incidente, mas uma aspiração synthetica da vida, procurou no dominio exclusivo das letras a serenidade espiritual.

Datam deste periodo o *Balmaceda* e a *Intervenção Extrangeira*; o trabalho empolgante de auto-psychologia sob o titulo — *A Minha Formação* — que, antes de tudo, revela no autor a diathese do artista para quem "a politica, felizmente, possui lados mal definidos que confinam com a Arte, a Religião e a *Philosophia*"; o livro de amor filial e rigorosa justiça historica — *Um Estadista do Imperio* — no qual, traçando a vida preciosa do Senador Nabuco e fazendo a exposição da sua epoca, nos de

quasi uma vista de conjuncto do segundo reinado.

Por esses motivos justos, elle não pertence a grupos, nem a seitas dentro das fronteiras pernambucanas e constitue a maior riqueza do patrimonio commun.

Desde o Governador do Estado até o ultimo homem de côr que o Treze de Maio fez cidadão; desde os velhos, arrastando a carcassa despulpada pelos achaques da vida até os jovens que acreditam nas cousas—porvindouras e na victoria da saude, todos têm o direito de tomar parte nesta homenagem ao pernambucano que o sr. Garcia Me-rou affirmou ser o maior vulto da America Latina.

E por mais fundas que fossem as nossas dissensões, os filhos desta formosa terra poderiam sentir-se á vontade nesta região neutra da nossa estima por um compatriota que é o mais digno de todos.

Faz vinte e dois annos que me foi confiada a incumbencia honrosa de saudal-o numa estuante assembléa popular em nome do eleitorado liberal de S. José.

Cabe-me de novo a honra de lhe dirigir a palavra em nome do povo pernambucano e numa festa promovida pela mocidade academica, que não tem preoccupações de seitas e só abate os seus pendões gloriosos diante do verdadeiro merecimento.

Isso vem provar o seguinte conceito de Taine: "Um povo é sempre o mesmo em toda idade e em qualquer phase da sua civilização. Os cinco ou seis instinctos primitivos que formam a raiz do seu temperamento, seguem-no por toda a parte."

No povo pernambucano é digna de nota a permanencia dos

instinctos primitivos que lhe deram a hegemonia nos tempos da colonia e dos quaes não é o menor o de render justiça aos que se fazem mercedores della.

Si é assim, não é menos exacto que, sob certos aspectos, o cantor da victoria de Alcibiades nos torneios athenienses acertou quando disse que a primeira condição da fortuna no homem é a de ter nascido numa cidade celebre. E' o que nós chamariamos hoje as condições do meio.

Quero dizer que, si os nossos instinctos primitivos nos impellem a trazer os desinteressados tributos de admiração ao egregio conterraneo, é por este ser o mais brilhante portador das virtudes excelsas do seu meio indigena, de forma que, em nosso justo amor proprio, cada um de nós pode affirmar com desvanecimento:—o cidadão que está representando o Brasil nos Estados Unidos é um genuino producto das qualidades que formam as nossas tradições de honra.

Dizia Stendhal que o amor semelha a um ramo secco lançado ao fundo de uma mina; os cristaes cobrem-no, ramificam-se e acabam por transformar o madeiro num alfinete de puros diamantes.

O ramo secco de nossa vida obscura enraiza-se e reverdece sempre que o plantam no terreno fertil do civismo e o estimulam com a rega vivificante dos grandes ideaes.

A brilhante oração civica pronunciada pelo talentoso cathedratico, foi diversas vezes interrompida para dar logar aos entusiasticos applausos com que o escolhido auditorio recebia suas palavras.

Levantando-se então, sob a mais vibrante das aclamações, o dr. Nabuco pronunciou o seguinte discurso stercographado pelos habeis tachigraphos, dr. Malaquias da Rocha e Fernando Carneiro:

DR. NABUCO — Meus srs.

Eu não pretendo levantar-me à altura desta manifestação.

Muitos annos se passaram desde que pela ultima vez eu falei do palco deste theatro, onde a verdade historica será esta: aqui nós ganhámos a causa da abolição. (*Muito bem*). Muitos annos se passaram no estado do meu espirito diferente daquelle que me traz á tribuna popular, de maneira que eu hoje me sinto mal, em posição de assombro, deante da tribuna onde falei pela ultima vez.

Hoje posso aqui repetir estas celebres palavras de Monte Alverne: *E' tarde ! E' muito tarde !*

Mas, uma satisfação tenho agora maior ainda do que todas as que tenho tido: é a de ter trazido a este recinto os meus illustres companheiros de representação Pan-Americana; é de mostrar-lhes este theatro, o verdadeiro theatro onde se ganhou a renhida batalha da abolição. (*Muito bem ! Palmas*).

São estes mesmos homens, são estas mesmas côres, são estas mesmas senhoras, esta mesma mocidade, são oradores como aquelle de quem acabastes de ouvir, as idéas da alma pernambucana, que é o orgulho, o desvanecimento do nosso povo !

Oh! senhores delegados, quanto é importante para uma nacionalidade a alma, o espirito !

As riquezas de nada valem.

O progressomaterial não conta, o que conta a vida de uma nação

é a alma, é o espirito desse povo e podeis attestar que o espirito do povo pernambucano é cheio de opulencia.

(*Muito bem ! Palmas*).

Meus senhores: eu vos agradeço com sinceridade esta manifestação. Eu teria de ser verdadeiramente insaciavel para não me satisfazer completamente com uma manifestação como esta. A vossa generosidade, ligada a todos os outros predicados do povo pernambucano, mostrou-se tão grande, que não posso medir-a.

Eu vos agradeço e vos peço que esta homenagem singular seja distribuida pelos delegados das nações irmans ao Congresso Pan-Americano

Ao sr. Walker Martinez, delegado da grande Republica do Chile, (*muito bem e palmas*), sempre amiga do Brasil.

E' elle um vulto notavel que se salienta em seu paiz. Um chefe, um dos chefes dessa campanha dos chilenos, que figura nas paginas da historia da America do Sul, como um dos feitos mais gloriosos. (*Palmas*).

Ao representante do Mexico, este Mexico que deixou nas paginas immortaes de sua historia o protesto á invasão franceza. (*Muito bem !*).

Aos srs. representantes das duas republicas de S. Salvador e Costa Rica, republicas ora reunidas, ora divididas, mostrando que têm o mesmo ideal, os mesmos principios. (*Muito bem !*)

Ao representante de Cuba, tão moço e, posso dizer, tão bello como sua terra, o vulto da revolução, como muito bom diplomata de seu paiz. (*Palmas*).

A todos que me acompanham nos sentimentos da patria, como a todos os nossos collegas, que não puderam vir á terra, que não

puderam enfrentar as asperezas do mar, não puderam conhecer Pernambuco.

Eu vos peço que façaes uma manifestação unanime e generosa, que torne, na obra completa da conferencia Pan-Americana, alta a idéa de Monróe, que ha de fazer da America um povo unido, um mundo americano, um mundo amigo... (*Muito bem !... Palmas*).

E, como a manifestação é academica, eu peço ao professor de linguas da universidade de Philadelphia, que diga algumas palavras ao povo pernambucano sobre as idéas que me vem transmittindo em viagem.

(*Muito bem ! Muito bem ! Applausos prolongados*).

(*) Este discurso não foi revisto pelo orador.

Ao embaixador Brasileiro junto a casa Branca, succederam na tribuna os srs : L. Rowen, delegado Norte-Americano, Walker Martinez, representante do Chile, e finalmente Quesada, da Republica de Cuba.

Finda a sessão solemne, regressaram os itinerantes ao Palacio do Governo, onde, pouco depois de 11 horas da manhã, lhes foi offerecido um delicado almoço para 150 talheres e no qual tomaram parte autoridades, delegações Academicas e de varias associações e representantes da imprensa.

Au dessert o sr. desembargador Sigismundo ergueu-se para brindar ao Dr. Joaquim Nabuco e seus distinctos companheiros no Congresso Pan-Americano, seguindo-se com a palavra os srs : Luiz Corsa, delegado de Nicaragua, brindando a Nabuco em nome dos delegados presentes ; dr. Oswaldo Machado, pelo *Jor-*

nal do Recife ; Leon de la Barra, do Mexico, empunhando a taça em prol das prosperidades de Pernambuco, e dr. Walker Martinez, do Chile, pela Republica Brasileira.

Falou depois o dr. Nabuco que, agradecendo as homenagens tributadas, se congratula com o povo Pernambucano por ver á frente de seus destinos um homem da estatura moral do desembargador Sigismundo Gonçalves, a quem saúda.

Os *toasts* foram encerrados com o brinde de honra erguido pelo sr. Governador do Estado ao presidente da Republica, dr. Rodrigues Alves.

Depois de ligeiro descanso, sahiram os excursionistas em passeio pela cidade, accompanhados das altas autoridades e commissões academicas, dirigindo-se para o Arsenal de Marinha, onde embarcaram para bordo do *Thames*, sob as mesmas ou mais ruidosas aclamações por parte da familia Pernambucana.

Foi innegavelmente uma festa civica que esteve na altura dos meritos daquelle a quem foi consagrada, correspondendo ás gloriosas tradições da Academia do Recife, que tomou aos hombros leval-a a effeito.

Pelo seu brillantismo são dignos de applausos os membros da commissão executiva Academica, especialmente seu presidente, o illustrado lente dr. Phaelante da Camara.

A mocidade Academica, por intermedio da commissão executiva, que promoveu as festas do dia 13 de Julho, projecta levar a effeito outras effusivas manifestações de apreço e consideração ao Dr. Joaquim Nabuco, por occasião do regresso ao seu posto de honra em Washington.



CLOVIS BEVILAQUA

Clovis Bevilacqua

Muito significativa foi a manifestação recebida da mocidade Acadêmica pelo sr. dr. Clovis Bevilacqua, cathedrático de Legislação comparada, ultimamente nomeado consultor technico do ministerio do interior.

Não podendo ser realizada pela manhã a projectada sessão solenne, na tarde de 23 de Julho por occasião de seu embarque para o Rio de Janeiro, organizaram os estudantes uma concorrida passeata que, puxada pelas bandas do 14.º e 34.º de infantaria do exercito, se moveu do edificio da Faculdade para a residencia do illustrado lente, ás 4 horas em ponto.

Antes de sahir o prestito, orou o 4.º annista Godofredo Tavares e, ao chegar á residencia do mestre, saudou-o em nome do corpo discente o bacharelado Mario de Castro Nascimento, que pronunciou o discurso abaixo notado, fazendo a entrega dum rico estojo para escripta, com a seguinte dedicatória: *Ao sabio mestre Dr. Clovis Bevilacqua.—Os academicos de Direito.—Recife, 1906.*

Ao estojo acompanhou uma lista dos estudantes matriculados este anno, ricamente encadernada.

MESTRE:—Vive uma linda arabe, que representa o homem a quem o destino presenteara com um milhão por dia, sob o compromisso de dispendel-o todo no periodo que medeia duas auroras.

Acho-me agora ao mando fidalgo de meus collegas que tiveram por firme que eu viesse, enriquecido do milhão da benevolencia humana, dispendel-o já, não entre duas auroras, mas,

ao tempo para nós de um acredoce, consagrado ás despedidas ao mestre incomparavel.

Vacillante encontrei-me por momentos entre receber ou não este mandato; já, pelo adiantado da hora em que me foi confiado, já, por attender a que meus hombro fracos não teriam resistencia para sustentar tão grande encargo.

Lembrei-me, no entanto, que a fraqueza não tem attractivos, e, que a timidez se não pode casar com o iriado de meus sonhos de moço; assim, preferi ter de ficar tombado na lucta a tornar-me cobarde antes da peleja. E, não foi somente isto.

Conta-se que Demosthenes se envaidecia em ser ouvido por Platão, sentindo mais prazer em possuir esta honra do que a de se fazer admirado por todo um povo.

Pois bem, mestre, se o sentimento do dever não falasse ao meu espirito e a figura tetrica da cobardia se me não apresentasse como um espectro a perseguir-me perennalmente, eu vos asseguro, a ordem de vossos discipulos teria execução, só e só pela minha vaidade de ter a honra desmedida de, embora por momentos, possuir como ouvinte a aguia immacula da terra brasilica.

E' por sem duvida consolador para nós o acto do poder executivo nomeando-vos consultor technico do ministerio do exterior.

E' verdade que, não obstante a elevação deste cargo, elle não constitue ainda um premio com que a Republica Brasileira possa resgatar a divida que tem para convosco pelo muito que tendes feito em prol do soergimento das letras patricias. Em todo caso, pode acontecer que seja

a escada de degrãos de ouro e púrpura que vos ha de dar ingresso no portico culminante das posições sociaes.

Não direi que seja a galeota que vos ha de conduzir ao porto majestoso onde têm morada a gloria e o renome, por isto que até lá já conseguiste chegar de ha muito.

Senhores :

A occasião e o tempo de que dispomos me não permitem que, nesta hora, eu faça um estudo, embora succinto, da personalidade masculina do jurista eminente a quem homenageamos. E, alem disto, que vantagem adviria de ser dito aqui o que está na consciencia de todos vós ?

E, para que repetir o que vós todos sabeis de cór ?

Sinto-me no entanto tentado, mestre, e não posso estragar o desejo de citar dentre as vossas obras que, ao envéz de serem escriptas, "podiam ser levantadas como o frontão do parthenon sob columnas doricadas pelo compasso de Iktinos", o vosso Codigo civil, este malfadado Codigo escripto com tanto carinho e que o desamor dos homens atirou á valla do esquecimento. Mas, para que rememorar tristezas envoltoras de conceitos desabusadores dos nossos congressistas ?

Certamente, factos dessa natureza não devem ser lembrados em dadas occasiões, maximé pelos moços que, tendo um ideal puro, ainda acreditam em uma patria regenerada.

Tanto mais quanto, alenta-nos ainda a esperança que virá um dia em que os brasileiros todos, em um momento de repulsa justissima, reagirão contra a inercia do poder legislativo exigindo que a linguagem pouco acieada das Ordenações Filippinas, como

chamou o illustrado Dr. Phaelante da Camara, seja substituida pela letra burilada do mestre insigne. E então, o vosso Codigo, vestido da pomposa tunica rosicler da Victoria, surgirá maior ainda, levando de vencida na caudal immensa de seu prestigio o congressista sabio que vos odeia por serdes sabio tambem.

Em toda esta festa existe algo que nos consirange.

O nosso prazer não pode, de forma alguma, attingir o grão de perfectibilidade. E, como não ser assim, se da musica apparentemente alacre de nossa satisfação se destaca, de quando em quando, u'a nota merencoria representada pela lembrança de que o dia de hoje é o marco de nossa separação ? Já nos não podemos deleitar com o vosso convivio amenissimo. Cessou, por assim dizer, a phase felicissima em que tinhamos o direito de gosar de vossa amoravel palestra scientifica, sempre alcançada pelas chammadas dos vossos talentos e saber espantosos.

Mas, o que importa tudo, senhores, se a aguiá precisa bater seu vôo ?

Deixemol-a partir.

E porque não, se o mestre grandiloquo vae mais uma vez erguer bein alto o nome do Brasil amado ?

Ah, quanto isto nos consola !

Como fremirá de prazer a mocidade que rend: culto ao direito, quando tiver a nova agradabilissima de que o seu adorado Clovis foi consagrado na Capital da Republica, o foco por sem duvida da intellectualidade brasileira como dos brasileiros um dos mais sabios e dos sabios de quem com mais propriedade se pode dizer que possui

uma alma pura como "musica de constellações,, !

Orgulho-me de ser o inteprete de meus collegas neste preito de homenagem ao sabio mestre e ao amigo bonissimo e desvaneço-me, como pernambucano, de saudar a este que, apesar de filho da terra da luz, adora o meu Pernambuco, como o pastor ariano a aurora brilhante que apparece sobre os cumes nevados do Himalaya, ou a lua que se abre no lndo como uma grande flôr do lôto.

Ide, mestre, e levai a convicção de que vivereis commosco, e quando nas nossas luctas se nos antolharem dlliculdades, invocaremos o vosso nome na certeza de que elle nos servirá de guia ao porto desejado, como a Venus vespéral dos reis magos da legenda biblica.

O grande mestre respondeu, assás commovido, com as seguintes palavras :

Quizestes dar ás nossas despedidas um ar solemne que, aliás, não augmenta, de modo algum, a tensão de minha saudade, porque ella, sendo a expressão maguada de minha afeição por vós, não poderia mais crescer, tão grande é ; mas terá o effeito de a manifestar mais dilatadamente, de a fazer repercutir fora do circulo de nossa intimidade, de marmorizal-a, dando-lhe a publicidade do testemunho social.

Quebramos aqui a nossa pranchêta de hospitalidade na presença de todos e eu, que parto, levo o meu fragmento, para si-

gnificar que me não desligo de vós, que sempre me hão de prender a vós os poderosos vinculos de uma communhão espiritual que se manterá através dos annos e apesar das distancias. Onde quer que se ache armada a minha tenda de trabalho, apresentae-vos e dizei, como em Plauto : *conferre tesseram, si vis hospitalem, ecc'eam attuli* ; e encontrareis abertas as portas do meu lar, solicito o coração no cumprir os deveres do reconhecimento e da amizade, prompto o espirito para continuar no labor aqui encetado, na obra commun em busca da verdade juridica, isto é, da harmonia dos interesses, do equilibrio dos antagonismos, da paz social, da protecção dos fracos, da canalização dos esforços de todos para o bem da comunidade, de disciplinadas energias para que se não destruam na lucta deleteria dos egoismos.

No posto que o destino agora me designa para o combate das idéas, continuo a ser o professor da Faculdade de Direito do Recife, e, se algum prestigio puder ali alcançar a minha palavra, será tão somente o que lhe emprestar a tradição deste estabelecimento de ensino superior, que tem sido um dos mais poderosos factores da cultura nacional ; de onde surgiu essa culminancia da jurisprudencia brasileira, que se chamou Teixeira de Freitas, o vulto maximo das letras juridicas em nosso paiz ; onde professaram mestres profundos e syntheticos, como Paula Baptista, de erudição vasta e segura, como Braz Florentino e José Hygino, eloquentes apóstolos da liberdade, como Aprigio Guimarães, ou como Tobias Barretto e Martins Junior, destacando-se de seu

meio pela elevação das idéas e pelo brilho incomparavel do dizer. Falo somente dos mortos que não morrem, com os quaes, todavia, hombreiam, na mesma irradiação intellectual, muitos dos vivos que mantêm na mesma altura os credits desta Faculdade.

Não terei mais, é certo, a mocidade para ouvir-me directamente. Faltar-me-á, portanto, o

estímulo que nasce dessa comunicação com os jovens, cujo entusiasmo intelligente, cujos ardores e motivos suscitados por alguma causa scientifica, esthetica ou moral, cuja intrepidez, cuja magnanimidade, quando com elles nos identificamos, nos emprestam forças e nos offerecem recompensas ideaes de valor inestimavel.



CLOVIS BEVILAQUA

e sua adorada esposa, a insigne escriptora

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

A mocidade, já o disse uma vez, é a floração perpetua dos povos. Nella se reflectem e brilham as idéas capitaes e os sentimentos mais fortes de uma epocha, assim como rebentam

os estados d'alma que hão de dominar no futuro. Por isso, nós outros, os que nos propomos a offerecer-lhe o nosso quinhão de experiencia, e que já temos o passo tardo, porque nos pe-

sam os annos e as tristezas da vida, necessitamos de receber da alma transbordante dos moços a onda de vigor que ella espalha em torno de si, como uma photosphera encantadora que vivifica os espiritos fatigados e dá aos pobres a illusão de que se acham vestidos de ouro e purpura. Assim o sol ao nascer, numa doce caricia de luz, numa prodigalidade de cores deslumbrantes, destaca, na encosta da montanha, o tugurio humilde que se abriga á sombra doce das arvores, e empresta-lhe o aspecto festivo, opulento e artistico de um solar fidalgo, ou de mansão phantastica de fadas.

Eu de mim confesso que do pouco que tenho conseguido, muito devo aos moços que, em volta de mim, se agrupavam para que eu fosse com elles penetrando o mar largo da sciencia.

Não terei mais, é certo, para dar-me o exemplo do seu esforço, o auxilio de suas luzes e o apoio de sua autoridade, os meus doutos e estimados collegas, entre os quaes incluo tambem o selecto espirito a quem está hoje confiada a direcção da Faculdade de Direito do Recife.

Não terei mais este ambiente carinhoso da amizade com que me honram todos os que compõem esta corporação desde os mais humildes empregados até os funcionarios mais graduados e onde a minha timidez, que é o expoente natural de minha fraqueza, podia aventurar-se a descobrir os seus bons desejos de cooperar na grandiosa obra de cultura que neste recinto infatigavelmente se elabora.

Não terei mais deante de mim esta sociedade pernambucana, em cujo regaço se desenvolveu o meu espirito, da qual por estirados annos fiz parte, assistindo-

lhe ás luctas, regosijando-me com as suas victorias, soffrendo as suas dores, sentindo na historia o élo tradicional onde se apura e se ama o esforço das gerações.

Mas esses vinculos moraes não se quebram, e eu levo comigo, perpetuamente gravadas, as impressões aqui recebidas. Meu espirito já adquiriu a sua forma definitiva, os materiaes de que dispõe foram colhidos aqui, e esta bagagem intellectual não se alija como a carga que difficulta os movimentos do navio assaltado pela borrasca nas solidões do oceano. Ella faz parte de nós mesmos, são os fios de uma teia que se vac tecendo indefinidamente até que a morte a despedace. Eu sou, portanto, um filho intellectual do Recife de cuja eschola me desvaneco de ser discipulo e modesto collaborador. Ao Ceará me prendem os laços indestructiveis que, no berço, atam as infaveis caricias maternas e, na infancia, um conjunto de impressões que o meio social e physico desperta e a idealização ameiga e redoura numa doce expansão de affecto. Ao Recife me prendem laços não menos fortes, porque são os da formação intellectual, e não menos doces, porque aqui armei o modesto ninho da minha familia.

Eu não sou particularista, amo o Brasil no seu todo e em cada uma de suas partes, com um amor forte que se acrysola com os seus soffrimentos e que o sente claramente crescer e destacar-se galhardamente entre as nações do continente americano, mas, dentro do Brasil, ha lugares para os quaes os olhos se me voltam com maior ternura. Um delles é naturalmente o Recife. E se não fôra, sel-o-ia ago-

ra que sobre mim se derramam, me envolvem, me penetram e me afogam as ondas de uma generosa sympathia em relação á qual eu me sinto arrastado a dizer como o poeta soberano, *naufragar in questo mare m'é dolce*.

Eu vos levo n'alma, guardae alguma cousa de mim em vossas recordações.

Em seguida ao discurso poz-se o prestito em marcha, em direcção ao caes Santos Dumont,

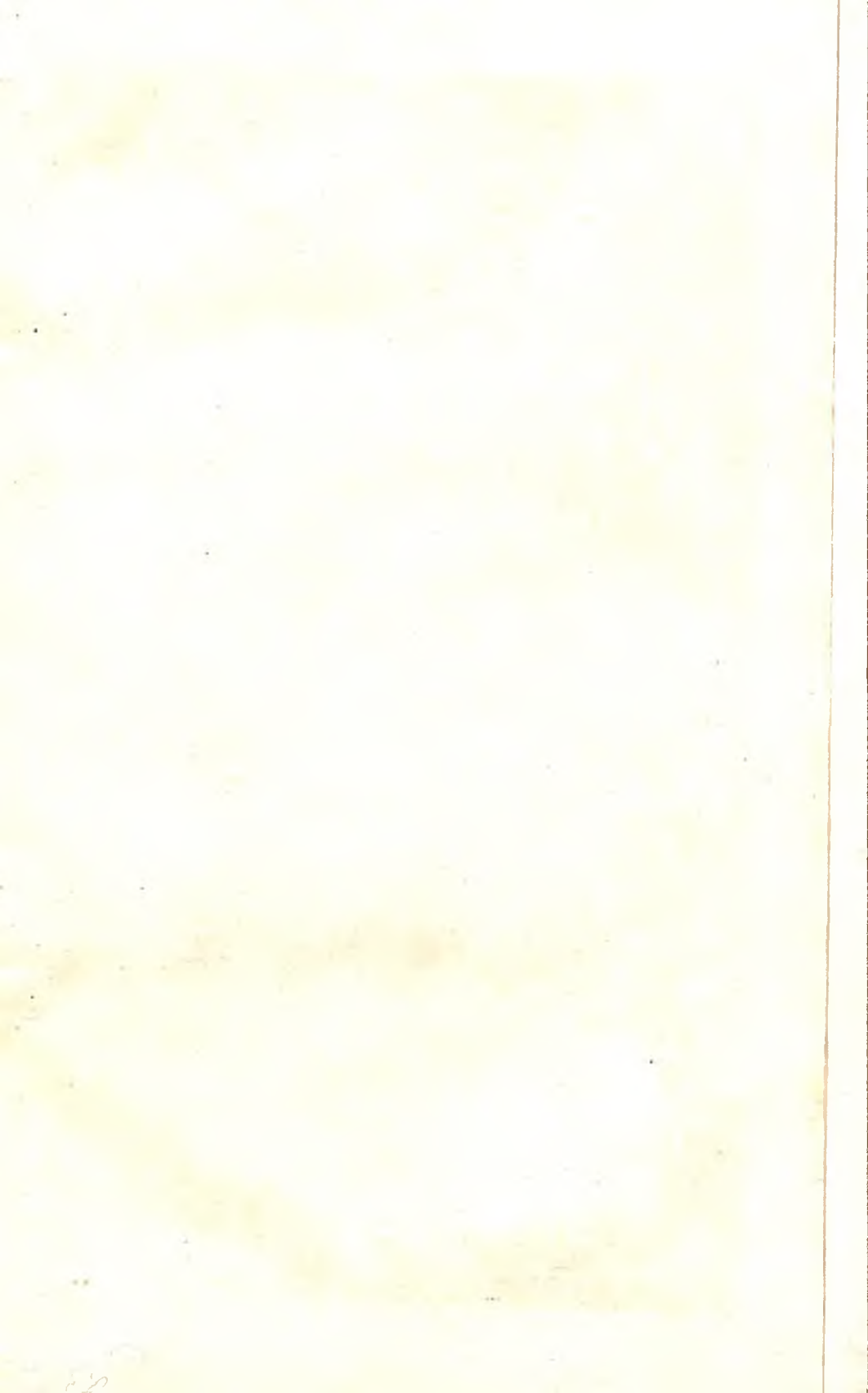
onde aguardavam o Dr. Clovis e sua senhora muitas familias e admiradores.

Ahi feitas as despedidas e acompanhado por uma commissão de academicos, dirigiu-se o Dr. Clovis Bevilaqua para bordo do *Olinda* que a noite zarpava para o Sul da Republica.

Ao embarque do digno cathedratico compareceram o sr. desembargador Sigismundo, governador do Estado e seu ajudante de ordens, major Peregrino de Farias.







§. 11. 74



